

# CRÔNICAS DISTÓPICAS

## DO PLANALTO CENTRAL

Organização  
Jonas Bertucci

Instituto Federal de Brasília

EDITORA



Instituto Federal de Brasília

# CRÔNICAS DISTÓPICAS DO PLANALTO CENTRAL

Organização

Jonas Bertucci

Editora IFB

2021 | Brasília DF



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA**

**REITORA**

Luciana Miyoko Massukado

**PRÓ-REITORA DE ENSINO**

Veruska Ribeiro Machado

**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO  
E CULTURA**

Paulo Henrique Sales Wanderley

**PRÓ-REITORA DE PESQUISA  
E INOVAÇÃO**

Giovanna Megumi Ishida Tedesco

**PRÓ-REITOR DE  
ADMINISTRAÇÃO**

Rodrigo Maia Dias Ledo

**PRÓ-REITOR DE  
GESTÃO DE PESSOAS**

José Anderson de Freitas Silva

**COORDENAÇÃO  
DE PUBLICAÇÕES**

Mariana Carolina Barbosa Rêgo

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**

Sandra Maria Branchine

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Paula Caetano Jacques

Francisco Das Chagas Roque

Machado

Girlane Maria Ferreira Florindo

Jocenio Marquios Epaminondas

Josué de Sousa Mendes

Juliana Rocha de Faria Silva

Juliana Estanislau de Ataíde

Mantovani

Larissa Dantas de Oliveira

Maurilio Tiradentes Dutra

Mariana Carolina Barbosa Rêgo

Nívia Aniele Oliveira

Tatiane Alves de Melo

**EDITORA**



Reitoria - SGAN Qd 610, módulos D, E, F, G

CEP: 70860-100 Brasília-DF

[www.ifb.edu.br](http://www.ifb.edu.br)

Fone: +55 (61) 2103-2108

[editora@ifb.edu.br](mailto:editora@ifb.edu.br)

# CRÔNICAS DISTÓPICAS DO PLANALTO CENTRAL

2021 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

**Organização** | Jonas Bertucci

**Revisão** | Pilar Acosta

**Projeto Gráfico** | Carla Miyasaka

**Capa** | Carla Miyasaka  
Caio Mamede

**Ilustrações** | Ana Clara de Alvarenga Valadares  
Letícia de Araújo Batista  
Pilar Acosta

---

C947 Crônicas distópicas do Planalto Central / organização Jonas Bertucci.  
– Brasília: Editora IFB, 2021.  
100 p.: il.

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-64124-77-6

1. Crônicas. 2. Distopias. 3. Preconceitos na literatura.  
4. Mulheres. 5. Desigualdade racial. I. Bertucci, Jonas. II. Título.

CDU 82-94(817.4)

---







# SUMÁRIO

- 6 Agradecimentos
- 7 Prefácio
- 12 Parte 1
  - 13 Aviso prévio
  - 17 Hoax?
  - 28 Um dia normal
  - 35 A vingança de Flora
  - 43 O reencontro
- 58 Parte 2
  - 59 E viraram peixes
  - 73 O futuro de uma ilusão
  - 82 O Quarto Reich
  - 87 Feminazistão
- 94 Autoras
- 96 Posfácio

## AGRADECIMENTOS

Foram diversos os amigos e amigas que ajudaram a tornar esse livro realidade. Agradecemos à Josi Paz, a primeira a incentivar a realização desse projeto, com quem debatemos muitas ideias sobre como tratar questões ambientais com jovens por meio de atividades criativas; Nathan Vieira, estudante de letras que participou de muitos de nossos debates de análise literária, cinematográfica e de criação; Bruno Bueno, autor brasileiro que realizou uma oficina de escrita criativa com os estudantes a convite da professora Pilar Acosta; e Carlinha, Black, Marcelo Xaud e Davi, que fizeram uma leitura crítica da primeira versão dos textos, sugerindo importantes melhorias e adaptações. Muito obrigado!



## PREFÁCIO

As Crônicas Distópicas do Planalto Central têm sua origem em uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no Instituto Federal de Brasília – Campus São Sebastião. Em 2019, formamos um grupo com três estudantes do Ensino Médio e um do Superior e nos reunimos quase todas as semanas, ao longo de um ano, para analisar coletivamente dezenas de obras de ficção científica classificadas como distopias. Foram selecionados filmes e livros nas plataformas mais populares, como *Netflix* e *Amazon*. A nossa proposta era observar de que modo as produções que retratam futuros distópicos, realidades alternativas opressivas e a ameaça do fim do mundo, refletem sentimentos compartilhados pelas gerações de escritores, produtores e do público da nossa época.

Em 2020, veio a pandemia do novo Coronavírus e mergulhamos em um período que, de fato, pode ser considerado distópico, atravessando mudanças em nossa rotina, perdas e dificuldades que nenhum de nós imaginaria. Continuamos nosso trabalho por meio de encontros virtuais e o contexto particular deu um toque ainda mais extraordinário às discussões, já que a realidade se colocava de forma mais estranha que a ficção. A análise das produções, por fim, deu fortes indícios de que as obras de arte distópicas mais consumidas na atualidade refletem padrões conservadores e naturalizam estruturas tradicionais de poder. A maior parte dos filmes disponíveis nas plataformas são produzidos nos Estados Unidos, em língua inglesa,



dirigidos por homens e pessoas brancas, o que se reflete nas histórias e nos papéis desempenhados pelas personagens. Mesmo havendo uma representação relevante de protagonistas femininas, por exemplo, isso não se traduz em representatividade, já que as personagens mulheres assumem quase sempre um papel estereotipado, infantilizado ou sexualizado, dependente da linha de ação dos personagens masculinos. Isso ocorre, em parte, possivelmente porque estas protagonistas, em sua maioria, não são construídas a partir do ponto de vista de escritoras, diretoras e roteiristas mulheres.

Se ao menos um esforço de representatividade feminina é evidenciado nos filmes e livros, o mesmo não acontece com a questão racial. Os autores e protagonistas negros são raros e há uma total ausência de referências ao continente africano, mesmo este sendo solo fértil para a temática, não apenas pela história da diáspora negra, mas também pela expressão estética recente do afrofuturismo e pela diversidade cultural do continente. Do mesmo modo, quase não há produções (entre as mais consumidas) que tratem o contexto dos países em desenvolvimento, como o Brasil, e que lidem, por exemplo, com a questão da desigualdade racial. O extermínio generalizado da juventude negra, as principais vítimas da violência letal no país, se expresso em números (como mostra o Atlas da Violência), compõe um cenário distópico tão ou mais alarmante que os propostos pela ficção. Isso torna ainda mais evidente a relevância da representatividade racial.

É importante registrar que dilemas da atualidade, como a escassez de recursos, energia e as questões ambientais, são muito presentes nessas ficções, embora não assumam centralidade nas tramas. Esses temas, diferentemente da inteligência artificial, por exemplo, não são aprofundados e explorados pelos autores, sendo apresentados como um panorama já dado, como um lugar-comum dos mundos

pós-apocalípticos.

Esses resultados geraram certa inquietação em nosso grupo, ao evidenciarem a carência de outros olhares sobre o mundo em que vivemos. As próprias estudantes, em sua maior parte, mulheres negras, não se identificaram com as obras analisadas, que apresentavam anseios e preocupações políticas e sociais importantes, mas limitadas a um único ponto de vista. Como afirmou o professor Antonio Candido (em seu livro clássico *Literatura e Sociedade* em 1965), que inovou o pensamento sociológico e literário brasileiro, a arte é social em dois sentidos, modificando a conduta dos indivíduos e sua concepção do mundo, ou reforçando neles visões de mundo e valores sociais. Assim, decidimos nós mesmos criar nossas narrativas, produzindo pequenas histórias, num exercício de perspectiva diferente do que é comumente oferecido no mercado cinematográfico e literário tradicional. Portanto, o exercício de construção de futuros especulativos realizado aqui constitui inevitavelmente um diálogo com dilemas do presente.

A literatura oferece a possibilidade de nos colocar um pouco no lugar do outro, permitindo-nos viver várias vidas, vidas de mulheres, homens, crianças. Vidas do futuro, do passado, vidas alternativas. Ao ler, podemos nos enxergar de outro ângulo e pensar sobre os preconceitos e padrões naturalizados que nos são transmitidos consciente e inconscientemente. Daí a importância da diversidade de personagens e da representatividade de grupos invisibilizados e historicamente marginalizados na realidade e na ficção. Esse pensamento inspirou o título da obra, provocando-nos a criar distopias que não só se passam no Planalto Central, mas escritas por autoras desta terra.

Com o V Festival de Arte e Cultura do Instituto Federal de Brasília, a ideia se tornou realidade em 2021. A linguista e professora



de Português Pilar Acosta foi integrada ao grupo, tendo viabilizado oficinas sobre gêneros literários e escrita criativa, além de promover uma discussão com o escritor de fantasia Bruno Bueno, do DF. Reunimos trabalhos produzidos por ex-alunos e ex-alunas em anos anteriores, adaptados para o contexto da obra, e tivemos ainda uma participação especial da Renata Florentino, que indiretamente acompanhou todo projeto. Lemos obras de autores latino-americanos como *Crônica de uma Morte Anunciada*, de Gabriel García Márquez (1981) e *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak (2019). A partir desse repertório, ganhamos confiança para brincar com a porosidade das fronteiras existentes entre os gêneros literários.

Assim, o livro foi dividido em duas partes. A primeira parte contém cinco crônicas que se passam em períodos diferentes, narradas por personagens distintos, dentro de um mesmo mundo ficcional. As histórias “Aviso prévio”, “Hoax?” e “Um dia normal” foram inicialmente motivadas por um artigo de Isaac Asimov, publicado em 1984, no qual o escritor especulava sobre o mundo em 2019. Do mesmo modo, esses três textos se passam 35 anos no futuro após 2019, proporcionando, a partir da visão de uma narradora misteriosa, de uma velha cientista e de um operário, uma percepção dos eventos que se deram nesse ambiente caótico. Ainda na primeira parte, o texto “A vingança de Flora” apresenta os dilemas que marcam as decisões de uma jovem que decide se engajar contra o sistema estabelecido. Para fechar a primeira parte, em “O reencontro”, acompanhamos a longa jornada de um homem vindo do céu em busca de uma utopia entre a exploração espacial de novos planetas habitáveis e a possibilidade de outras formas de sociabilização na Terra. Apesar da relação entre as histórias, cada uma pode ser lida de forma isolada, não havendo necessidade de seguir uma ordem pré-determinada.

Na segunda parte, desenvolvemos, por meio de quatro crônicas independentes, realidades paralelas absurdas, algumas delas inspiradas em acontecimentos reais. O primeiro texto, “E viraram peixes”, narra as incríveis descobertas de uma médica, que parte de Brasília para Manaus, com a missão de investigar as causas de uma estranha epidemia, que leva a perda da capacidade de respirar oxigênio. Em seguida, “O Futuro de uma Ilusão” traz a aventura de três adolescentes num tempo distante vivendo em uma ditadura global, extremamente desigual e opressiva, que encontram uma mensagem reveladora de um grupo rebelde e precisam decidir o que fazer com isso. Não são incomuns ficções que exploram uma possível vitória dos nazistas, normalmente sempre contadas a partir de uma visão norte-americana ou eurocentrada. Em “O Quarto Reich”, alternativamente, buscamos imaginar, a partir da visão de um jovem negro, o que poderia ter acontecido no Brasil caso a Alemanha tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial. Por fim, no texto “Feminazistão”, temos uma realidade alternativa em que os papéis tradicionais de gênero são invertidos. O texto é altamente recomendado para aqueles que temem a ascensão da mulher na sociedade contemporânea, ou que acreditam que o homem tem sido cada vez mais oprimido.

Talvez, em alguns momentos possa parecer que nosso livro traz uma mensagem demasiadamente negativa e de desesperança, mas nosso objetivo não é, de maneira nenhuma, desanimar os leitores. Queremos, antes, estimular sua reflexão crítica, saindo da zona de conforto em que as histórias de heróis e vilões nos colocam. Tudo isso, sem deixar de oferecer um bom entretenimento, com passagens enigmáticas, divertidas e emocionantes.

Boa leitura!



# PARTE 1



AVISO

PRÉVIO





Venho levando almas condenadas desde o início dos tempos, sempre por motivos diferentes, pois costumo ser bem criativa, mas, nas últimas décadas, o próprio humano tem me ajudado. Eles acabaram com a água, todos os rios e lagos estão contaminados e esgotados. Agora, eles sofrem de problemas renais sérios e outras doenças relacionadas à falta de água, que são hoje a principal causa de óbito.

A água está no centro de diversos conflitos humanos. Das grandes guerras aos pequenos roubos. A criminalidade é em nome da sede. Os empregos estão concentrados nas indústrias dessalinizadoras, que pagam seus funcionários com água potável em quantidade suficiente apenas para suas necessidades mais básicas. Não muito diferente do que ocorria no Império Romano, no passado, em que o salário dos soldados era pago em sal, o *dessalário* hoje é pago em água dessalinizada aos operários dessas indústrias. Por isso, a população é desidratada, utiliza roupas feitas de tecidos desenvolvidos para não serem lavados e a comida é 80% sintética.

Eles também morrem de doenças causadas pela contaminação do mundo, em especial, da água e do ar. Saneamento básico é uma palavra que não se usa mais.

A desregulamentação das indústrias, a falta de regras e limites, provocou a liberação exagerada e irresponsável de gases e derivados químicos na natureza, acabando com a camada de ozônio. Isso deixou os humanos totalmente expostos à radiação ultravioleta, o que tornou doenças como o câncer tão comuns quanto gripes.

Com a diminuição da arborização nas cidades e da vegetação nativa, e com a poluição plástica e a acidificação dos oceanos, a qualidade do ar caiu vertiginosamente, tendo efeitos severos observados no coeficiente intelectual das novas gerações (se é que alguém

ainda se preocupa com esses indicadores). Não entendo muito de ciência, em todos esses longos anos na Terra, minha experiência se deu em campos que transcendem a racionalidade material. Porém, sei que o cérebro dos humanos independe de muitas coisas, mas não de oxigênio.

Os ricos vivem em zonas relativamente bem ventiladas, dotadas de pulmões mecânicos gigantesco que funcionam à energia solar. Os pobres, que não tem como pagar pelo ar, vivem fora das áreas “limpas” respirando o ar mais poluído. Mas, não pense que as circunstâncias adversas não atingiram a todos. A expectativa de vida é de 35 anos, 40 se você não for louco nem pobre.

Não chove há muito tempo e nem se deseja mais a chuva. Se uma gota de água cair do céu, ela, provavelmente, será tão ácida que vai terminar por matar os humanos. O longo período sem chuva e sem água limpa completou o processo de extinção em massa dos animais selvagens iniciado há setenta mil anos e matou as árvores, até aquelas que quase não precisavam dela. Os animais domésticos e os de zoológico desapareceram ao longo dos anos – não havendo água nem para beber, quem pensaria em ajudar a um animal? Esse deve ter sido um dos maiores pecados da sua espécie, já que a natureza não humana foi apenas a primeira vítima.

Mas, agora, não vale a pena falar dos pecados contra o planeta, as nações humanas já têm pago as consequências de seus atos! A morte de seus entes queridos, as dores, o sofrimento, a vida sem esperanças, sem descobertas, têm sido como chibatadas nas costas das gerações resistentes. E eles aceitam, aceitam porque sabem que são culpados, sabem que seus antepassados escolheram não ouvir, mesmo quando gritaram em suas caras que o caos estava próximo. E eu apenas assisti. Eu vi o desespero tomar conta e levar as

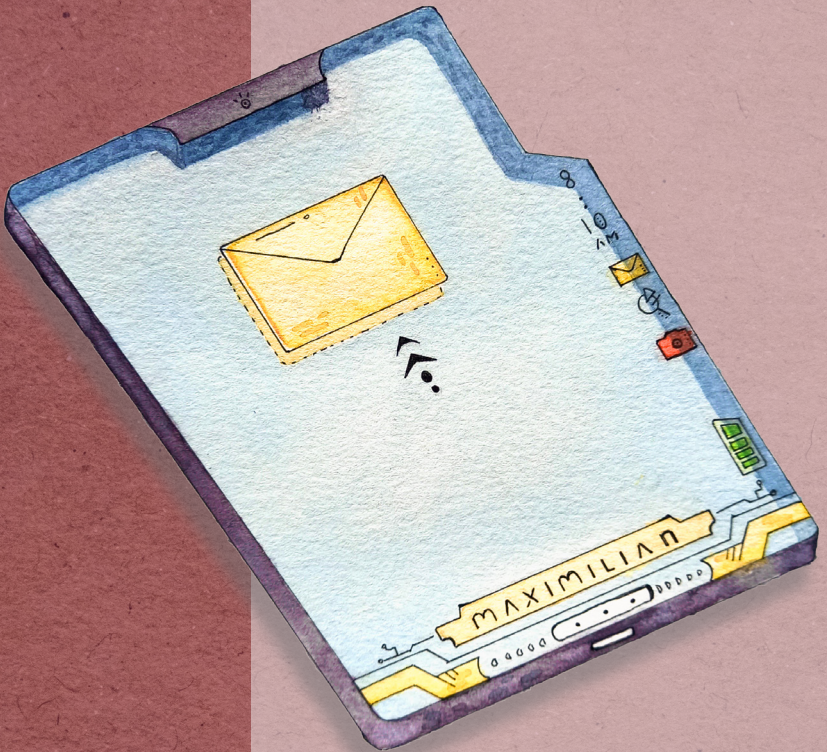


massas ansiosas à insanidade, eu vi quando os que não morreram de causas naturais ou de suicídio ou de sede se mataram mentalmente e aceitaram a rotina pesada de trabalho, eu vi os humanos apostarem em grandes tecnologias que beneficiariam por muitos anos apenas os que tinham como pagar – o que agora não importa, porque a ciência já não mais existe. Eu vi os sistemas de saúde colapsarem a ponto de os médicos não saberem o que fazer e a educação definhando a ponto de professores e pesquisadores não saberem o que dizer.

Por fim, depois de tudo isso, percebi que os humanos não precisam mais dos meus serviços, eles não precisam que eu crie motivos para levá-los, eles vêm até mim, implorando. Então, senhoras e senhores, peço demissão de minhas funções ordinárias, porque vocês não precisam mais de mim para completar seus ciclos de vida.

Com doçura, a Morte.  
25 de dezembro de 2064

# HOAX?





Junho de 2021.

*Pouco após o reestabelecimento geral das atividades urbanas e da conformação de uma nova normalidade com a superação da guerra contra o Coronavírus, um acontecimento paralisa novamente os olhares do mundo. Cinco objetos misteriosos são encontrados no mesmo dia, um em cada uma das maiores cidades de cada um dos cinco continentes. Um tipo de leitor de livro digital, translúcido, cada um com uma imagem do que parecem ser extratos de notícias de sites de grandes veículos de comunicação. Não há botões, nem teclas na tela, apenas imagens, como de um jornal impresso no vidro, que revelam notícias supostamente de 2021 a 2052. Exceto por um, cujo conteúdo é uma carta. As autoridades mundiais analisam a origem dos objetos misteriosos, um comitê de investigadores e cientistas é formado, sem chegar a nenhuma conclusão. Seria uma peça bem bolada, um trote, um hoax? O texto, vazado em diferentes versões nas redes sociais, torna-se alvo das mais diversas teorias conspiratórias e teológicas, gerando milhares de memes durante alguns dias de comoção, até ser esquecido, tornando-se mais uma lenda urbana. Esta é uma das primeiras versões encontradas.*

Sustentando-me sob o resquício de sanidade que ainda guardo em algum lugar da mente, escrevo esta carta, na esperança de que não seja apenas mais um grito no escuro. Rogo para que as nações vejam o que fizeram com o planeta a tempo de mudar. Lembrar do passado é doloroso e me traz culpa pensar que eu estava aí e poderia ter feito mais. Mas, como as pessoas de minha época, estava iludida demais para enxergar.

Não venho com notícias de um futuro brilhante de carros voadores e tecnologia capaz de substituir o trabalho humano, mas

de um porvir preenchido por catástrofes e muitas dores. Não me recordo quando, primeiramente, foram adotadas as políticas de permissão da caça esportiva e comercialização de animais silvestres, mas sei que Brasil, EUA e Colômbia se tornaram pioneiros nessa prática. Após a privatização da Amazônia e a extinção de várias espécies em outros continentes, a biodiversidade amazônica foi, cada vez mais, valorizada. Mas, isso durou pouco tempo.

O ano é 2064 – não pretendo revelar muito sobre mim, para não alterar minha própria linha do tempo. Enquanto escrevo estas linhas, uma vaga memória surge em minha mente a respeito de um aparelho misterioso encontrado logo após uma pandemia. Tenho já quase 80 anos e as memórias começam a me escapar de forma cada vez mais frequente. Nasci em lugar chamado Alto Paraíso, no interior do Brasil, uma região que costumava ser um verdadeiro paraíso na Terra, ao qual retornei muitas vezes ao longo da vida. Ainda pequena, nos mudamos para o Canadá. Minha mãe, uma bióloga de origem chilena, já naquela época viajava pela América Latina, estudando os diferentes biomas. No Brasil, encontrou meu pai, um apicultor experiente, e, por lá, ficaram, até ela ser convidada para lecionar em Montreal, o que aconteceu no mesmo ano em que a extinção das abelhas se agravou no Cerrado. Assim, logo cedo, deixei o paraíso ensolarado para viver em um lugar totalmente diferente, mas igualmente acolhedor.

Hoje, de volta à minha terra natal, olhando para o passado, posso dizer que o fim veio em três fases: o começo, onde tudo era bom e belo, livre de preocupações sobre o futuro (ao menos se comparado com o que se tem agora); o início do fim, quando os Estados nacionais poderiam ter feito algo, mas simplesmente decidiram ignorar, e o nosso destino parecia tão distante... E então,



o temido e inevitável fim, quando a natureza, cansada de servir aos nossos propósitos, decidiu ter seu grande ato de vingança (ou seria de misericórdia?).

Vim de uma época em que os homens não ligavam muito para a saúde de seu próprio planeta. O mundo corria rapidamente para um precipício profundo. Tentei correr contra ele na esperança de ser capaz de mudar a forma como as pessoas pensavam, tentando evitar que ele caísse no abismo, esse foi apenas o primeiro grito no escuro. Participei de diversas campanhas, mas as pessoas simplesmente não acordavam, o mundo clamava por socorro, ninguém escutava, apenas ignoravam os sinais de que ele não aguentaria por muito tempo.

Em minha ingenuidade e arrogância, naquela época, ainda insistia em culpar as pessoas, achava que ninguém abria os olhos, que ninguém tinha consciência. Mas, de nada adiantava lutar só contra o uso de plástico e o desmatamento ilegal, ou julgar as pessoas que andavam de carro. O sistema era muito maior do que eu pensava. Até houve esforços consideráveis para coibir o tráfico de madeira, por exemplo. Mas, logo eles descobriram que, eliminando o intermediário... as corporações faturavam muito mais, já que as brechas na legislação iam sendo abertas na surdina. Se, por um lado, belas campanhas de sustentabilidade eram lançadas com a inauguração de ciclovias e carros elétricos, por outro, o investimento corria todo para a duplicação de vias e as distâncias entre centro e periferia só aumentavam.

Antes, os políticos usavam as reservas ambientais para ganhar dinheiro. Agora, eles dependiam da Amazônia para se eleger. O sistema estava mudando, estava evoluindo. O Ministério do Meio Ambiente era o coração do sistema e estava nas mãos de saqueadores.

Eu vivi praticamente minha vida inteira acreditando que as

peessoas podiam fazer a coisa certa. E de uma hora pra outra, toda essa certeza tinha ido embora. Vocês não têm mais alternativa. É preciso bater de frente com o sistema. Conteí tudo o que eu sabia, as previsões dos grupos de cientistas estavam constantemente na mídia global, os resultados eram inquestionáveis e corroborados por estudos de pesquisadores de todo o mundo. E mesmo assim, o sistema continuava de pé. O sistema se reorganiza, articula novos mercados. Enquanto as suas condições de existência estiverem aí, nada vai mudar...

São os jovens do meu tempo presente que pagam o preço, nós nos arrependemos e nos envergonhamos do que minha geração fez. Acabaram com o mundo, destruíram todos os recursos que existiam.

Depois de anos de estudo e trabalho, nossa equipe foi capaz de criar essa máquina do tempo, que permite transportar pequenos objetos para o passado, então, escolhi essas notícias, junto desta carta. Se esse desesperado experimento funcionar, não tenho ideia se dará certo, talvez consigamos lhes mostrar a verdade sobre seu futuro não tão distante. Provavelmente esse relato não fará todos enxergarem, mas é uma tentativa. Não venho com uma narrativa cheia de corações e flores, mas de desastres que fazem a erupção do Vesúvio em Pompeia e o tsunami na Indonésia parecerem histórias para crianças.

Durante muito tempo, os “poderosos”, por assim dizer, mantiveram seus privilégios e sua boa vida, enquanto a população que sobrou no mundo passou a sobreviver na extrema pobreza. Eles foram precavidos e construíram uma cidade totalmente tecnológica no meio do antigo Oceano Pacífico. O acesso é difícil, quase impossível nas condições atuais, e ninguém que vive no continente sabe sua localização exata. As pessoas não tentam chegar até lá, porque o



Oceano virou um lugar inóspito e imprevisível, e a maioria não teria recursos para tal viagem. Dizem que os que tentaram ir até lá por conta própria em busca de abrigo não chegaram nem na metade do caminho. Além disso, a cidade, chamada por muitos de O Grande Complexo, tem um avançado sistema de segurança.

Por causa da escassez de petróleo (não existe mais uma indústria de extração e refino), os carros e veículos abandonados do passado não podem ser utilizados, e as ruas das antigas cidades se transformaram em imensos cemitérios de concreto e metal. Lembro-me que em minha infância, havia criminalidade, roubavam celulares, carros, até mesmo casas. Mas, hoje, digo-lhes que todos viraram ladrões, as facções roubam água e mantimentos. Por quê? Os humanos fizeram questão de poluir o restante da água que sobrou no mundo. As crianças riem quando nós, os poucos velhos que restaram, contamos histórias de como eram as coisas antes, de como as pessoas lavavam seus carros, suas bicicletas no meio da rua com água jorrando nas torneiras, de como lavavam a louça sem nem um pingo de preocupação.

Voltemos ao triste passado, para vocês ainda presente, que levou a esse mais triste ainda futuro. Em 2020, meu projeto era uma ideia meramente teórica, um sonho distante de uma recém-doutora em física nuclear – não deixa de ser irônico que os princípios que permitem a produção de energia atômica são os mesmos que nos permitiram construir esta máquina do tempo. O isolamento, naquele ano, obrigou-me a mergulhar em meus estudos e concluir minha tese, para manter a sanidade. O mundo já dava sinais do seu colapso, mas, para muitos, o devaneio da energia abundante possibilitaria que, no futuro, toda a humanidade vivesse em igualdade. Ao menos, era isso que o sistema nos queria fazer acreditar.

Em 2021, uma grande corporação da antiga América apresentou a ideia, investindo em uma proposta ousada e inovadora, que, a princípio, parecia a solução para todos problemas de energia, uma usina nuclear à prova de falhas. Logo, todos os países adotaram o projeto e cada um implementou sua própria usina (alguns tinham dezenas delas). Rapidamente, a matriz de energia renovável dos poucos países que ainda mantinham esse tipo de fonte foi sendo abandonada e substituída pelas plantas nucleares, que tinham custos bem menores. Porém, seus riscos não foram corretamente previstos e nem seus efeitos adversos contabilizados. Com a reeleição de governos extremistas por todo o mundo, as regulamentações foram sendo flexibilizadas e as preocupações ambientais ocultadas ou esquecidas. Os críticos eram chamados de retrógrados, atrasados e comunistas.

Aos montes, ativistas e líderes comunitários começaram a desaparecer de forma inexplicável. Hoje, para os que ainda guardam memórias desse tempo, é de conhecimento público que eles foram assassinados.

No final dos anos 20, já haviam sido aprovadas leis que flexibilizavam a emissão de gases pelas empresas. As negociações climáticas internacionais cessaram, levando a uma reconfiguração da arquitetura do regime climático, com mudanças substantivas nas regras. Os tempos do Protocolo de Kyoto e do acordo de Paris, parecem hoje um cenário inverossímil.

Anos depois, as consequências das mudanças climáticas são sentidas na pele com o aumento da temperatura global, as chuvas ácidas, o agravamento da grande escassez mundial da água e a poluição do ar, gerando diversos problemas respiratórios e uma série de novas doenças. Em seguida, veio a grande extinção, confirmando uma preocupação que eu ouvia da minha própria mãe, com o



ceticismo típico da adolescência. Diversas espécies nunca mais foram vistas, gerando um colapso na cadeia alimentar.

Na década de 30, grandes tsunamis devastaram a costa dos países, carregando, para as costas, toneladas e toneladas de lixo de toda a história humana acumuladas no mar, tornando a área costeira dos continentes inabitável e resultando em uma grande migração para as áreas centrais.

No ano de 2032, como resposta a esses fenômenos, o Grande Complexo estava pronto e, diferentemente do que se anunciava, apenas quem tinha dinheiro, poder e prestígio se mudou para lá. Para erguer e fazer o Complexo funcionar era preciso mão de obra, e um grande volume de população, impedida de ocupar os espaços reservados para a elite, instalou-se no entorno da cidade tecnológica. Eu, evidentemente, nunca passei por perto de lá e só posso repetir os boatos que escutei. De fora, não é difícil ver que esses trabalhadores, considerados livres, vivem em condições piores do que escravos, que sustentam o Complexo, recebendo em troca água potável e alimento insuficientes para manterem vivas suas famílias. Não durou muito até que as rotas que levavam ao Complexo fossem interrompidas e vigiadas, já que o crescimento exagerado do seu entorno ameaçava sua existência.

O Complexo, com seus sistemas imensos de regulação da temperatura, de filtragem do ar e de tratamento da água, consome muita energia. Logo, novas usinas foram espalhadas pelo mundo, transferindo seus riscos para regiões cada vez mais distantes. Enquanto alguns privilegiados se isolavam do mundo exterior, fora do Complexo, doenças jamais vistas surgiram e outras consideradas erradicadas reapareceram. A humanidade veio a enfrentar novas ondas de epidemias, que viriam liquidar parte da população. À

medida que os sistemas públicos colapsaram, o saneamento básico e o acesso à saúde se tornaram algo raro.

Em 2052, o sucesso de 20 anos do Complexo foi comemorado por seus líderes e gestores. Eventualmente, ainda recebemos notícias picadas de grupos rebeldes que mantêm espíões e informantes com acesso à cidade tecnológica. Uma dessas jovens lideranças se tornou uma grande amiga, embora eu discorde de seus métodos. Por meio dela, compreendi como as pequenas manifestações e protestos de grupos desorganizados de trabalhadores são usados para justificar o aumento da repressão. O discurso da manutenção da ordem se impõe, os manifestantes são taxados de vândalos e arruaceiros, e a culpa pelos problemas climáticos é jogada sobre o ombro da população excluída do Complexo. “Pessoas imundas, sem higiene, sem cultura, traidores da pátria, que não souberam valorizar nosso bem maior, que é a natureza, e nos levaram a esse estado lamentável de coisas... fazem parte de uma raça que só serve para obedecer e executar aquelas tarefas degradantes que não estão à altura dos nossos bons cidadãos”, dizia um trecho gravado do discurso proferido nas comemorações, o qual me foi mostrado por ela. Nesse ambiente de medo, qualquer possibilidade de contestação é aniquilada. Não é à toa que sempre acontecem tantas manifestações e que, mesmo mudando os grupos no poder, a devastação continua.

Esse também foi o ano do início da grande vingança da natureza. Novamente, ninguém esperava que as coisas ainda iriam piorar muito. Grandes terremotos se iniciaram em todos os lugares, o grande Vesúvio, que durante muito tempo pareceu adormecido, trouxe à superfície grandes quantidades de lava e gases, obscurecendo ainda mais a atmosfera. As grandes usinas ditas à prova de falhas, entraram em colapso, liberando quantidades absurdas de radiação.



Novas ondas de migração se deram no continente. A população que vivia fora do Complexo caiu drasticamente e, apesar de passar por alguma dificuldade com a instabilidade do sistema de energia e a redução da mão de obra, o Complexo parecia estar preparado para lidar com qualquer situação que viesse a acontecer.

Hoje, 2064, sou uma das poucas sobreviventes, depois de todos os desastres. Há muito, já deveria ter partido desse mundo. Contra todas as probabilidades, estou aqui, numa terra onde não existem mais idosos. Há dez anos, retornei para a região onde nasci, com o único objetivo de morrer com um pouco de paz. E foi então que fui salva por esta comunidade, da qual não posso dar detalhes para não criar uma ameaça a sua existência.

O Complexo nos deixou cair no esquecimento, os boatos dizem que eles foram capazes de criar tecnologias que os tornaram totalmente independentes do continente, mas sabemos que isso não é verdade. Querem alimentar a ideia de que não temos mais utilidade. Porém, ainda temos notícias de pelo menos três usinas em funcionamento, e não são raros os relatos de grupos de sequestradores de crianças, armados com tecnologias do Complexo.

Os grupos populacionais restantes têm se reestabelecido e se organizado. Apesar de haver ainda muitos conflitos, diferenças e discordâncias, há um plano em comum, com o objetivo de derrubar o Complexo. Nesses anos, sem o olhar vigilante e a mão de ferro do regime autoritário, que boicotava qualquer tentativa de organização, foi possível a criação da nossa própria tecnologia e de nossas próprias armas de guerra. Correm ainda boatos de que um grupo planeja reativar uma usina abandonada. Em breve, começam as festas de fim de ano, e esse será o ano da grande revolução, talvez a última que a humanidade verá.

Diante disso, meu último recurso é pedir ajuda ao passado. Às pessoas que lerem essa carta, imploro que façam algo para mudar o seu futuro não muito distante. Estabeleçam limites para o uso dos recursos, criem novas regras de produção, partilha e convivência. No mundo em que vocês vivem, uma árvore, um pássaro e um peixe têm mais valor mortos do que vivos. E um ser humano tem mais valor olhando para uma tela do que vivendo de forma significativa. Enquanto a economia funcionar assim, e não houver regras para controlar as empresas, as florestas continuarão sendo destruídas, os mares poluídos e a terra contaminada, mesmo que todos saibam que isso condena as gerações futuras. Se não acordarmos como civilização, nosso fim será certo e trágico.



UM DIA

NORMAL



*[Sons da manhã. O alarme desperta.] Bom dia, José. São 6 horas e 30 minutos, a temperatura é de 30° C e o céu predominante nublado no entorno do Complexo, tenha um bom dia.*

Você acabou de acordar, olha para o teto cinza, depois se vira para o lado, vê seus familiares deitados em buracos que existem na parede, é lá onde eles dormem, é mais barato do que camas. Você se levanta e caminha até o banheiro, olha-se no espelho e passa a mão no rosto, percebendo o quanto suas mãos estão secas, sentindo falta de poder lavar a face.

Você veste seu uniforme, a blusa amarela com mangas curtas e aquele macacão cinza com que já está acostumado. Você se desloca até a cozinha, senta-se na cadeira e come um biscoito comum, bebe um refrigerante, como você queria um café, mas temos que economizar a água. Precisa sair depressa, não pode se atrasar.

Veste sua máscara, pega a bolsa e tranca a porta com o chip localizado no seu pulso, sai à rua – você sempre esquece esse cheiro horrível que cidade tem. A cada esquina, há inúmeros moradores de rua – eu sei como você queria que as coisas fossem melhores, que as pessoas tivessem casa e comida, e sobretudo, água. Você nem sabe por que ainda tem esperança de ver o céu azul novamente, todos os dias, vê por entre os prédios, a escuridão cinza.

Você está andando até o metrô, acaba de passar pela praça principal da cidade, é o ponto mais visitado, uma grande árvore tampada com um grande domo. Quem diria que *A Bela e a Fera* iria prever um acontecimento deste? É o melhor lugar da cidade, você percebe que queria muito levar sua família até lá, mas teria que trabalhar a vida toda pra conseguir isso, já que é o local que tem mais ar puro em todo o continente.



Você chegou ao metrô, incrível como a cada dia essa fila é maior, há tantos celulares e televisões jogadas naquele amontoado, é impressionante como as coisas perdem o valor. O holograma principal mostra que estão ocorrendo cada vez mais surtos entre os manifestantes, o que eles gritam tanto?

Finalmente você conseguiu entrar no vagão, no início, você até gostava do silêncio que todas aquelas pessoas faziam, mas é assombroso como ninguém mais sai de seu aparelho! Pescoços tortos de tanto olhar para baixo, será que eles ainda conseguem falar uns com os outros? Que a mãe natureza os salve.

Você pega seus fones e coloca uma música calma.

Percebe entre tantas pessoas, o grande e belo mar, as ondas batendo nas rochas, e as famílias brincando entre si, felizes por estarem ali.

A música parou, você agora percebe que estava imerso na calmaria da melodia e que tudo o que vira era apenas fruto de uma imagem que sua avó lhe contara, aquela boa época em que as pessoas se reuniam aos montes para passar tardes inteiras nas costas nadando e se divertindo. Caramba, na situação atual, isso nem beira o possível. A vida marinha está praticamente extinta, não há vida no litoral e qualquer um que nadasse naquelas águas com certeza ficaria doente.

*[Aviso do Vagão] Próxima parada – estação de dessalinização e tratamento de água.*

Você espera um pouco e assim que as portas se abrem se espanta com centenas de pessoas na frente da estação, todos estão usando roupas azuis e levantando seus pulsos usando seus *Maximilians* para projetar uma mensagem, os guardas parecem furiosos e utilizam da força para reprimir os manifestantes. Você continua andando

olhando aqueles tanques gigantescos em forma de cilindro que estavam cheios de água do mar.

Passando pela entrada da estação você utiliza seu *Maximilian 2.0* para marcar a hora da sua chegada às 8 horas e 30 minutos, e liberar uma torneira com a quantidade fixa de 2 litros de água por dia para cada funcionário que você utiliza parcialmente para encher uma garrafa de 1 litro.

Após bater seu ponto, você vai até um dos cilindros e, lá, começa a trabalhar. Tomando um pouco da sua água, você se pega imaginando se a vida era assim mesmo quando seus pais estavam vivos, se tudo era tão sem cor e sem vida. Apesar disso, você se lembra de que ainda está em melhor situação que a maior parte das pessoas.

*[Alarme] Hora do almoço, José. São 12 horas e 45 minutos e a temperatura é de 38° C. Boa refeição.*

Você vai andando pela estação, vê o mar novamente e se lembra da história que sua avó contava para sua mãe, falando que essa praia tinha sido um ótimo local para passar o final de semana com a família nos primeiros anos do Complexo. Chegando ao refeitório, onde há duas máquinas que fornecem a ração diária, um tipo de pasta nutritiva com todos os nutrientes necessários para manter uma pessoa de pé. Você entra na fila e pega um recipiente na lateral de uma delas, aperta aquele botão que despeja nele uma quantidade da pasta.

Ao sair da fila, você se senta em um banco de metal, come e bebe um pouco de água. Ao abrir seu *Maximilian 2.0*, lê notícias que falam sobre as consequências dos protestos que ocorreram mais cedo. Assim que você termina de ler, o alarme do *Maximilian 2.0* e da estação avisam o término do período de almoço.



Você observa todos saindo do refeitório e se dirigindo de volta para seus locais de trabalho, faz o mesmo e volta para o cilindro onde tem como principal função o controle da pressão e temperatura da água, uma pequena etapa do processo de dessalinização, tendo auxílio do *Maximiliam Protect* que é uma interface de controle manual.

Assim que todo o processo termina, você rotineiramente toma outro gole da sua água. Para onde vai toda essa água? E as pessoas que vivem nas ruas, nos centros periféricos? Afinal, o que elas estão consumindo, além de enlatados, refrigerantes e corantes industrializados? Não, toda essa água vai para o centro, é lá que estão as pessoas poderosas, os barões. Os que conseguem levar as famílias para a grande cúpula.

Seu expediente acabou, você vai caminhando para a entrada da estação onde bate seu ponto, registrando a hora da sua saída exatamente às 17 horas e 30 minutos. Você enche a sua garrafa usando o litro que ainda havia restado.

Na ida para a casa, no caminho do metrô, você observa uma movimentação muito grande de pessoas, mas fica sem entender o que está acontecendo. Mesmo com toda essa confusão você consegue entrar no vagão, passam-se algumas estações e de repente o vagão para.

*[Aviso do vagão] Informamos que devido à ocupação dos trilhos por manifestantes, o metrô encontra-se parado por tempo indeterminado.*

Você observa as pessoas ao redor, praguejando contra os manifestantes e lamentando pela perda de tempo.

São 18 horas e 15 minutos. Você observa atentamente a tela interna do vagão e percebe que os manifestantes estão dando uma entrevista, o que é incomum.

*Se todos nos apoiarem, teremos uma revolução, o Complexo está um caos, todo poder é concentrado na empresa de dessalinização, o presidente é só um fantoche, foi reeleito para manter o sistema. O ar está cada vez mais contaminado, a água mais restrita, as pessoas estão doentes. Chega de injustiça! Temos recursos para todos, se junte à nossa causa! Nos ajude a te ajudar! Todos temos direitos e esses direitos estão sendo suspensos. Não aceite viver sob a custódia de um sistema que só produz infelicidade!*

Silêncio.

São 19 horas e 30 minutos.

Você, finalmente, consegue sair do metrô, anda pelas ruas até chegar em casa, abre a porta, e observa que toda sua família está na cozinha te aguardando. Você explica o motivo do atraso e escuta seu tio dizer: “esses vagabundos só querem vida fácil, mostra seu cartão de trabalho que eles saem correndo”. Você ignora e se dirige ao banheiro, para se limpar, pega um pano, o umedece com um pouco de álcool e passa pelo seu corpo para tirar a sujeira do dia. E pensar que os antigos tomavam banho de banheira, que inveja. Você termina de se limpar, e vai ao encontro de sua família na cozinha. É macarrão, como de costume. Você pega os pratos e talheres, e os leva para perto da árvore artificial, que está no seu quintal, é onde vocês costumam comer. O lugar mais confortável e arejado da casa. A melhor parte do seu dia se encontra ali, reunido com todos, e agradecendo por mais um dia com água. Todos se reúnem para se



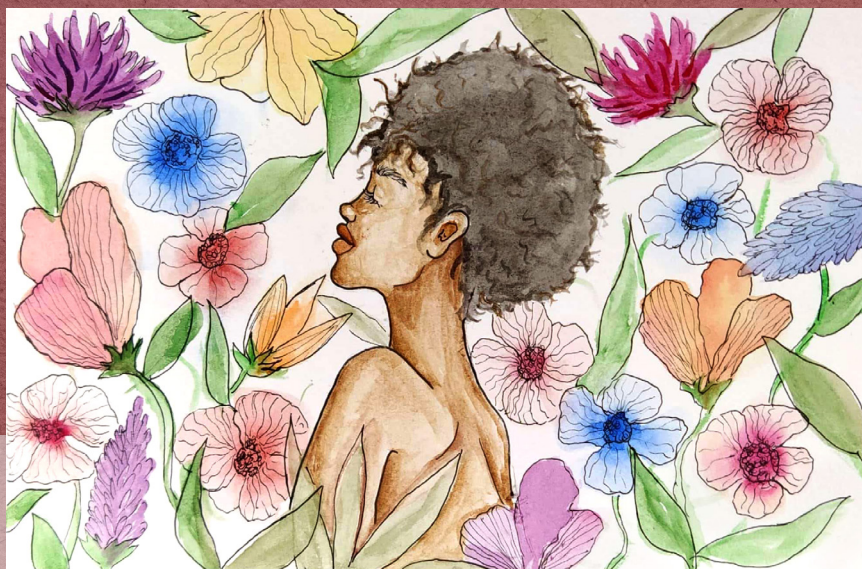
alimentar. Você come todo o seu macarrão.

Alguns minutos se passam.

Assim que termina, você desinfeta sua louça e vai até os quartos. Deita-se na cama, olha para todos os buracos na parede, vira-se e encara o teto cinza. Você fecha os olhos.

*[Alarme] Bom dia, José. São 6 horas e 30 minutos, a temperatura é de 29° C e o céu predominante nublado no entorno do Complexo, tenha um bom dia.*

A VINGANÇA



DE FLORA



Muitos dizem que, o que, hoje, nos acomete, não foi nada fora do previsto há alguns anos. Impressiona-me de uma forma menos intensa viver... sobreviver no inferno que estamos hoje e ainda ouvir pessoas falarem, com repulsa, sobre o passado. Naquele tempo já se previa tudo isso por que passamos... Por que não fizeram nada? Por que eu não dei conta de fazer nada? Por quais motivos continuavam a reproduzir atitudes que refletiriam neste presente em que vivemos? Como é ruim você questionar e saber que, independente da resposta bonita que poderá ser retrucada, jamais vão restaurar a vida como era antes. Esse antes nunca foi saudável, eu bem sei pelo peso histórico que, ao nascer, já veio comigo.

Nunca pude escolher tirar ao menos um dos fardos que carrego, se eu não tivesse tantos, talvez hoje, nessa realidade, eles não estariam parecendo um caminhão que atropela e estilhaça todos os meus ossos... e esse pesadelo não acaba quando você abre os olhos, muito pelo contrário, ele é um ciclo que se estende independentemente do local em que eu esteja. Enquanto falo, sinto que já poderia morrer. A cada hora, meu corpo responde às situações extremas por que sobrevivo, resisto e não sei o porquê de continuar. Minha mãe me ensinou, ela me ensinou a nunca abaixar a cabeça para os que usavam fardas e estavam no poder. Os mesmos que mataram, sete anos atrás, meu pai e meu irmão na calçada de casa, na periferia do pequeno Distrito onde morávamos. Minha mãe disse que pela realidade em que vivíamos, eu precisava estudar, mas eu também precisava ajudá-la nas diárias que fazia pois não me queria na rua, enquanto tirava nosso sustento. Era para que eu não tivesse um fim parecido com os homens de casa, para que tivéssemos comida, para frear o horror em que a humanidade estava se transformando.

A cada dia que passava, minha mãe não conseguia me incentivar,

mesmo falando que um dia tudo iria melhorar para nós. Ela sentia. Naturalmente, comovida com os olhos cansados dela, que carregavam a dor da sua história, de seus ancestrais e do novo atual, eu tinha a sensação de que não eram apresentadas saídas justas para quem sempre viveu à margem e colaborou com a manutenção desse sistema. Éramos e sempre fomos os últimos – que ódio em ter acreditado que os últimos seriam os primeiros. Nunca quis uma justiça divina, sempre almejei experimentar um pouco dessa justiça, aqui na terra mesmo. Quando ela morreu, eu morri. Eu não consigo sentir outra coisa senão raiva e indignação pela vida que eu tive que engolir à força. Acho que estou sobrevivendo a essa realidade de agora, porque eu senti sua prévia bem antes, porque eu fui educada sobre como reagir aos restos que nos dão e a aguentar as situações que foram acontecendo.

Tenho vinte anos, não queria contar, porque hoje nada mais faz sentido ou vale a pena saber... eu lá quero saber da idade e do nome do outro, eu quero um copo de água, um suplemento, eu quero entrar naquelas grandes edificações que construíram e onde os outros conseguem viver com tecnologias sofisticadas, as mesmas que fizeram parte da destruição do nosso ecossistema. Muitos dos nossos – quando digo dos nossos, digo dos que fazem parte dos do lado de cá, quero dizer dos que sempre foram excluídos, sempre esquecidos. Nossa realidade não está desatrelada ao que passou, ela apenas intensifica, de sua forma máxima, o reflexo do passado da humanidade e do que pregavam. Muitos acreditavam poder ir bem na vida, mas, hoje, não basta ir bem, você precisa sempre ter ido bem, mesmo antes de nascer. O que para mim e para muitos é impossível. Ter mais de 1.000.000,00 era o mínimo que precisava para entrar nas Cápsulas gigantes, e o que, pra nós, foi ofertado, foi



sermos os operários, para manter as incríveis funções desses locais que habitava a população mais bem sucedida do mundo.

Não é apenas uma, são várias estruturas construídas, para suportar a quantidade de milionários que tiveram o privilégio de estarem lá. Os daqui de fora? Vixe!! Mais que o quádruplo da população dos de dentro. Mas, não duramos muito, as condições precárias a que somos submetidos são absurdas para sobrevivermos. E, lá, vamos nós, mais uma vez, enfrentar a única saída proposta pelos grandes homens de negócio, representantes das enormes estruturas que abrigam a minoria, trabalhar incessantemente para receber um copo de água e algumas barras como suplemento. Eu já tentei, mas entre morrer sendo explorada e morrer tentando destruí-los, eu prefiro a segunda opção. Ignorante e impulsiva? Sou. Decidi transformar todos os sentimentos que formam meu interior em força para enfrentar essas situações e esses outros que nos humilham, por não termos mais nenhuma saída.

Desta vez, não será por ninguém. Essa força não será nem mesmo por mim, mas, pela natureza, devo tudo a ela. Por mais que eu discorde e já tivesse lutado para que não chegássemos ao ponto em que chegamos, eu fiz parte disso. Eu sou da espécie que acabou com os biomas, com quase todos os animais, que amava dar valor para um papel e para status, enquanto os oceanos eram atacados, enquanto as árvores, que nos permitiam respirar e que eram abrigo para vários seres vivos, eram queimadas e tidas como lucro para os mercados. Faço parte da espécie predadora que colocava os animais em situação de opressão e total submissão, desrespeitando todo o seu ciclo natural de vida. Como eu me envergonho. Não entrarei em detalhes daquilo que eu já fiz, para não ser julgada apenas o feito, quero que vocês tentem me olhar a partir do que eu e você

carregamos e do que a gente pode fazer diante desses pesos.

Eu não tenho e não tive outra saída, além de tentar acabar com essa humanidade tóxica. Pode parecer duro, mas é necessário: nunca demos certo e continuamos a escrever a mesma história. Cíclica. Cada vez mais, os discursos tentam esconder suas verdadeiras culpas e intenções. Não tentarei fazer isso sozinha, preciso unir forças, preciso unir indignações, não dará certo vivermos em harmonia e felicidade com o povo do lado de lá, isso seria pura ilusão e nosso espírito de sobrevivência faria com que nós nos tratássemos de formas, cada vez mais, absurdas e instintivas. Mas, para que o plano maior aconteça, precisamos de algumas das grandes cápsulas para nos manter supridos até a grande rebelião. Tentaremos entrar. Há muitos com medo, mas há muitos mais com fome e sede de suplementos e de justiça. Uma justiça que, talvez, será a mais violenta que precisaremos fazer acontecer.

Já debati com uma senhora, que porventura, deve ser uma das únicas idosas nesse caos, foi ela que me incentivou a escrever sobre tudo que me incomodava e tudo o que está acontecendo comigo e com o mundo. Tudo é muita coisa para quem quer sobreviver só mais um pouquinho e fazer um pouco de justiça com as próprias mãos. O tempo que temos é apenas um dia a mais, como essa senhora conseguiu verbalizar o que vivemos. Ela me esclareceu sobre os processos de sua época, suas incríveis memórias de lugares e situações a que, por eu nascer tarde demais, não tive acesso. Não quero perdê-la, não sei de onde ela veio, mas, até conseguirmos alcançar nossos objetivos, mantereí-la por perto. Sou egoísta, pensando assim, mas ela é a única que me proporciona sonhos, sensações únicas, inalcançáveis. Com ela, eu posso ter no horizonte as utopias que me fazem flutuar, diferentemente de quando durmo



e o pesadelo se perpetua.

Estou, a cada semana, escrevendo ideias que prefiro não ler para não me deparar mais ainda com o absurdo em que vivemos. Aqui, nós não pensamos e nem refletimos mais. É muita fome para muito tempo parado. Se realmente pararmos para pensar, adiantaremos nosso fim, muito mais rapidamente do que o suicídio coletivo da humanidade. Nossa civilização nos levou a este estado, muito antes, já se faziam escolhas que levariam a sua própria morte, de forma lenta e disfarçada por discursos negacionistas. É vergonhoso demais.

Falando em vergonha, quando eu tinha uns quinze anos, os problemas hoje enfrentados, começavam a se acentuar. Sendo sincera, eu achava que seria mais uma desgraça se tivéssemos uma probabilidade mínima de sobreviver (e não é que eu acertei?!). As crises que já enfrentávamos, hoje, eu penso que, sempre vinham para dizimar e excluir uma parte da população. Parcela da qual faço parte. Então, com as consequências das catástrofes naturais chegando e o povo desesperado, eu precisei roubar uma mercearia perto da periferia em que morava. Eu era acostumada com a necessidade, não tinha muitas coisas básicas, mas a fome não era algo que costumávamos sentir, pelo menos eu não; minha mãe sim, mas ela não deixava transparecer isso. Eu roubei para ver minha mãe, em seus momentos finais, comendo o que ela mais gostava, goiabada. Ela gostava de fazer o doce dela pois odiava o gosto das do mercado. Não tive tempo nem de chegar com o doce para vê-la comer, quanto mais fazer um.

Ah! Se vocês pensam que a vergonha é ter roubado, enganam-se. Minha vergonha foi de não ter conseguido proteger minha mãe e de não estar presente em seus últimos suspiros. O mundo nunca foi justo com a gente, não ligo se, naquele momento, eu estava sendo

injusta aos olhos dos outros, eu era justa e corajosa aos meus olhos. Foi assim que eu pensei enquanto eu corria contra o tempo curto que tinha. Lembro-me que, antes de ela tentar me impedir de ir buscar o doce, segurou minha mão e não falou nada. Chorei. Ela não precisava falar, eu sentia todo o peso que ela carregava pelas mãos grossas e calejadas. Toda a audácia do que faço hoje é por ela. Ela ficou calada diante de muitas coisas, para evitar ser morta ou perder a guarda dos filhos. Não tenho ninguém por quem ficar com medo do pior. O pior eu já vivo e anda junto comigo.

Quanto à revolta, não deu tão certo. A rebelião nos deixou tão cegos de um mínimo de justiça. Esquecemos que quem não tem nada, realmente não tem nada para usar contra quem tem tudo. Apenas um grupo conseguiu, de alguma forma, adentrar nas grandes cápsulas. Não posso escrever muito sobre, mas digo que o que aconteceu, de alguma maneira, ajudou um pouco em relação ao plano maior. Foram tantos mortos dos nossos pela reação e grande preparo do povo de lá, que os que sobraram não vão conseguir atender nem um terço das necessidades das inúmeras cápsulas instaladas, fazendo com que haja grandes desequilíbrios e crises de abastecimento, impedindo o funcionamento das cidades sob as cúpulas. Tentamos entrar em cinco das incontáveis cápsulas feitas para abrigar confortavelmente poucas pessoas. Fomos muitos a tentar invadir, com diferentes métodos, apenas um deu certo. Novamente, digo que não posso falar muito sobre, para não entregar ninguém, mas digo que foi a forma mais violenta e sangrenta de todos os lados. Não consigo sentir nada, apenas alívio. Se você se assustou tanto, parece não estar acostumado com a história da democracia.

Não se sabe até quando vão continuar resistindo lá dentro, pois é uma cápsula tomada dentre várias que derrotaram os nossos, mas



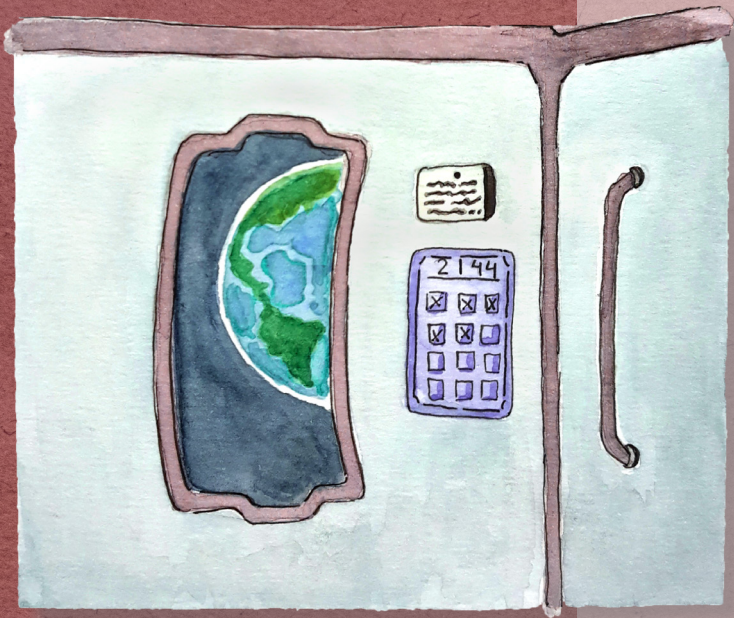
sei que há uma grande possibilidade de a natureza ainda conseguir acabar com a humanidade e ela terá uma grande ajuda. Não pense que seja ruim a humanidade ser dizimada, entenda como uma libertação de algo que nunca quis dar certo pois, não compactuava com a natureza. Isso mesmo, renegamos a mesma natureza que proporcionou a vida. Com nossa ganância e ignorância, achávamos que estávamos indo bem, mas entrávamos, cada vez mais, em um poço sem fundo. Precisamos sempre lembrar que ninguém nos empurrou para essa realidade de agora, foi algo que o ser humano decidiu continuar mesmo sabendo que esse fosso que ele mesmo se jogou não teria saída possível. Queria muito acreditar em um paraíso em que pudesse apenas ficar debaixo de uma árvore, dormindo com cantos de pássaros, mas eu, como membro da espécie que escolheu tudo destruir, não o mereço.

Encerro, esperando que, na decomposição deste papel, minha espécie já tenha tido um fim. Só posso pedir perdão por tantos feitos a natureza. Não conheci suas belezas, mas em algumas histórias contadas pude viajar nos seus encantos. Espero que eu possa ter contribuído para que a vida tivesse férias eternas da humanidade, a espécie mais tóxica que por aqui passou e deixou grandes e terríveis marcas. Que a natureza receba em suas terras minhas cinzas merecidas, fruto de muita indignação e de um possível plano que se concretizou. Isso tudo, foi por ela.

Com amor, Flora.

O RE

ENCUENTRO





Certa vez, quando Yoná de Corumbá tinha seis anos, ouviu, em uma conversa de adultos, sua mãe falar sobre o homem que veio do céu. Na verdade, não era apenas um, mas vários humanos que, até então nunca haviam pisado na Terra, eu entre eles. Na semana anterior, tinha iniciado, junto a uma dezena de outras crianças, sua nova rotina de encontros com os educadores da comunidade, e muitas questões, derivadas da curiosidade típica das crianças de qualquer lugar e de qualquer época, fervilhavam em sua mente. Nessa mesma noite, sem que tivesse tido a oportunidade de sonhar ou de especular sobre as histórias desse ser extraterrestre, a menina pediu que eu lhe contasse minha versão dos fatos. Encostei a porta para que a luz do candelabro não nos denunciasse, acomodei-me ao pé da cama e, após fazê-la prometer guardar entre nós o segredo, passei a narrar o acontecido da forma mais simples que encontrei diante dos ouvidos de uma criança tão pequena. No decurso das justas indagações da menina diante de minha performance improvisada, recuperei inúmeras memórias para esta crônica, dentre elas a do sentimento misto de entusiasmo e frustração ao chegar à Terra.

Nasci no ano de 2120, no espaço. Cresci, ouvindo histórias fantásticas dos feitos de meu avô, do meu tataravô e de seu pai antes dele. Nossa família compunha a dinastia dos homens mais influentes do planeta. Eu próprio busquei explorar, muitas vezes, entre os arquivos históricos da nossa espaçonave, informações que me permitissem reconstruir essa linha temporal. Na época, ainda era muito novo, ingênuo e inexperiente e não conseguia fazer uma leitura crítica dos registros dispersos e parciais. Hoje guardo apenas a memória deles. Como me foi contado por um dos tripulantes mais antigos, o projeto de colonização de Marte, quase um século antes de meu nascimento, tinha sido um fracasso.

O planeta vermelho não oferecia condições para a sobrevivência humana de forma autônoma. A vida não resistiria sem o grande fluxo de recursos enviados continuamente da Terra. Todas as tentativas de cultura de alimento falharam, as reservas de água congelada eram inacessíveis e não havia trabalhadores em quantidade e suficientemente treinados para construir e operar os equipamentos e máquinas necessários para uma tal empreitada.

Naquele momento, já se sabia que a Terra estava morrendo e que um cataclismo global era questão de tempo. Assim, ouvíamos inúmeras vezes, eu e meus colegas no espaço, quando crianças, que os grandes líderes e empreendedores de todas as nações se uniram na busca de uma saída comum. Visionários, se antecipando à crise ambiental que estava por vir, criaram em 2032 uma aldeia global, batizada de Complexo, altamente tecnológica, com condições de abrigar milhares de pessoas de todos os lugares do planeta. Foram desenvolvidos programas de energia renovável e estabelecidas regras rígidas de racionamento. O domínio da tecnologia de dessalinização da água e de climatização garantiam condições sanitárias dignas para a população.

Enquanto o programa de colonização de Marte ainda não havia sido abandonado, o Complexo foi capaz de resistir por décadas à escassez de recursos. Mas não resistiu, segundo nos contavam, à ganância e à estupidez humana. Após constantes ataques semeados por grupos rebeldes, aliados a dissidentes que conheciam as fragilidades de segurança das cúpulas, foi iniciada uma guerra de proporções nunca antes vistas. Enquanto vivi no espaço, cresci com ódio e indignação desses considerados terroristas, que pareciam preferir destruir o planeta a ver nossas famílias prosperarem num ambiente pacífico, tão avançado em tecnologia e cultura como o Complexo.

Com a morte da esperança de vida humana na Terra e a



impossibilidade de continuidade de envio de recursos para Marte, teve início o programa XÆ-12, nomeado em homenagem a seu idealizador, Ash Reeve. O planeta Próxima B localiza-se num sistema que orbita três estrelas, Alpha Centauri A, Alpha Centauri B e Próxima Centauri, a pouco mais de 4 anos luz da Terra. Como não havia nem capacidade nem tempo de enviar uma sonda para um voo interestelar quando eclodiu a última guerra, em 2064, a única opção era realizar um voo tripulado até lá.

A viagem levaria mais de quarenta anos, a uma velocidade média próxima a 10% da velocidade da luz, de acordo com os registros. Próxima B parecia o lugar perfeito para recomeçar a vida, para o empreendimento de uma nova colonização humana. Foram escalados cientistas das mais diversas áreas, médicos, biólogos, engenheiros, além de artistas, fotógrafos, músicos e um grupo de empreendedores e líderes religiosos. Como era ensinado, “essa tripulação representava o melhor da humanidade”.

O comando da missão contou com o apoio de um grupo de consultores, chamado de *Conselho de Newton*. Supostamente, os homens mais sábios e reconhecidos em suas áreas. O senhor Reeve liderou a maior parte da viagem, mesmo sabendo que dificilmente chegaria a conhecer o planeta Próxima B, já que quando a espaçonave chegasse teria mais de oitenta anos. E de fato, não conseguiu viver até a chegada, tendo falecido poucos anos antes do pouso, enquanto dormia. Com sua morte, seu filho, Íon Reeve, continuaria a empreitada, tendo sido o primeiro homem a pisar na terra prometida e seguindo o impulso quase natural de uma família de exploradores.

Nascido na Terra, Íon tinha apenas quatro anos quando a missão partiu. Pode-se imaginar que numa viagem espacial como essa, não haja muito o que fazer com o tempo disponível. Sem a noção de dia

e noite, um ser humano não adaptado pode enlouquecer facilmente se não tiver uma rotina rigorosa de treinamento, estudo e trabalho. As cabines de hibernação, embora úteis para o racionamento de recursos, não eram capazes de retardar o envelhecimento do corpo de forma significativa – seu uso se limitava a, no máximo, noventa dias por ano e parte da tripulação se revezava no sono profundo.

Sabendo disso, Ash Reeve passou o resto de sua vida no espaço treinando seu filho e os demais jovens para o momento da chegada. O destino de Íon era assumir seu lugar e liderar a humanidade para uma nova fase de exploração interplanetária. Não imagino o que se passaria na cabeça de uma criança criada com tal responsabilidade. Educado dentro de uma rígida rotina, ensinado desde pequeno a venerar o planeta ainda inexplorado, Íon nunca perdeu seu foco. Pelo contrário, se tornou ainda mais obstinado que seu pai.

Tudo parecia caminhar como planejado, a viagem correu sem grandes intercorrências, as reservas de alimentos e energia foram calculadas para garantir a subsistência da população pelo dobro do período necessário previsto. Ao chegar, parte das baterias que moviam os equipamentos internos poderiam ser recarregadas por meio da energia dos três sóis do sistema Alpha Centauri, com exceção dos motores, movidos à energia atômica. Ao longo da viagem, a população aumentou, com o nascimento de crianças em número maior que a mortalidade, mas isso não era um problema, já que se esperava que a geração nascida no espaço poderia se adaptar mais facilmente à nova realidade, assumindo um papel importante na colonização.

Expliquei para Yoná que o dia a dia na nave transcorria mais ou menos como numa pequena vila, não muito distinta da que vivemos hoje, com certa tranquilidade, cada um assumindo um conjunto equilibrado de tarefas intelectuais e manuais, de forma organizada e



planejada – muito embora, aqui na Terra, não seja mais necessário um líder, presidente ou soberano. Assim, o sistema de rotatividade de funções possibilitava uma boa convivência, não livre dos conflitos inerentes à condição humana. Mantinham-se festas e tradições religiosas, assim como casamentos e a celebração das principais datas do calendário cristão do sistema solar.

Minha mãe, Elona, fazia parte da primeira geração de crianças espaciais, ela me contou que tinha quatorze anos quando meu avô, Íon, comandou o pouso em Próxima B. Não foram identificados quaisquer resquícios de vida no planeta, porém, o mais importante era que havia água líquida em abundância, a temperatura era amena, a gravidade semelhante à da Terra, e a atmosfera, embora não fosse rica em oxigênio, não era tóxica. Eu não cheguei a ver nada disso, mas segundo os relatos que ouvi dos mais velhos, o plano era construir grandes cúpulas interligadas com sistemas de ar que utilizariam a mesma tecnologia de climatização das antigas cápsulas do Complexo, garantindo a facilidade de circulação de pessoas. O solo era adaptável, e, após alguns experimentos, foi possível iniciar pequenas plantações. Mas, apenas dois anos após iniciar a colonização, Íon Reeve adoeceu gravemente. Era uma forma de câncer que se alastrou rapidamente por diversos órgãos e, em poucos dias, ele veio a falecer.

Em menos de um mês, sem que houvesse sequer tempo de a comunidade absorver o choque e compreender a situação, metade da população caiu doente e não resistiu. A peste desconhecida se propagou rapidamente, afetando principalmente os mais velhos. Eu nunca compreendi de forma precisa o que ocorreu. Os registros eram inconsistentes, os principais cientistas e pesquisadores haviam morrido e os jovens não tinham ainda formação necessária para lidar com o problema. Tudo indica que havia alguma forma de radiação na água

do planeta, que não era identificada pelos seus aparelhos, e que acelerava o metabolismo celular. Entre os mais novos, os efeitos foram retardados, mas ninguém que pisou naquele chão e bebeu daquela água viveu mais de 40 anos, com exceção de um bebê que se alimentava apenas de leite materno, Charlie era seu nome.

Tentei com o máximo de docilidade e cuidado contar à Yoná que ninguém havia voltado de Próxima B, e foi com uma naturalidade espontânea que ela me tranquilizou ao explicar que já sabia que “todos estavam entre as estrelas no céu”. Deve ter sido uma difícil decisão para aqueles jovens deixar o novo mundo e partir para a Terra, um lugar em que a maioria deles nunca havia pisado e cuja lembrança concreta se limitava à imagem de seriados e documentários que assistíamos na viagem. Se, como eles acreditavam, aquela fosse a última esperança da humanidade, se, na Terra, não houvessem sobreviventes, valeria mais a pena arriscar o retorno, à procura por um lugar ainda habitável, do que continuar em Próxima B, onde a extinção parecia certa.

Se alguém ficou para tentar a sorte, não sei dizer, os mais velhos evitavam tocar nessa ferida e dificilmente davam algum detalhe sobre a decisão de deixar o planeta, e eu não insistia. De minhas pesquisas, deduzi que ainda havia combustível e reservas suficientes para o retorno, considerando que o número de bocas para alimentar era bem menor. Se os mais velhos não sobrevivessem, ao menos as crianças teriam uma chance. Enfim, dei por encerrada essa triste passagem e passei a narrar minha vida no espaço desde quando minha mãe deu à luz no céu, no caminho de volta para a Terra. Digo “de volta” porque, apesar de não ter nascido aqui, nunca tive outra referência de lar. Assim como nunca tive referência de pai – que virou poeira estelar antes de eu nascer.



A essa altura, a maioria das crianças já teria dormido, mas a menina mantinha-se atenta e impaciente, sem conseguir esperar o tempo que minha cabeça idosa exigia para reunir as memórias. Confesso que me surpreendi com minha desenvoltura ao narrar toda a história em português que, evidentemente, não é minha língua nativa. A perguntação da menina – *o que é mánica? o que é metalolismo? o que é ladiação? o que é catacrismo?* – me ajudava a recompor as lembranças e a recriar as passagens dos eventos cujos fragmentos eu vinha reunindo por muitos anos.

No espaço, nos alimentávamos principalmente de uma pasta nutritiva metabolizada por máquinas que não exigiam grande esforço de manutenção. Recordo-me que, eventualmente, fazíamos pães, porém, nunca havia provado uma fruta. Até chegar à Terra, eu apenas conhecia animais e árvores por meio de imagens de livros digitais e hologramas. Tínhamos uma incrível variedade de amostras genéticas armazenadas para clonagem e sementes de diversas espécies a serem cultivadas no futuro prometido – parte do plano de colonização –, mas não era viável sustentar grande quantidade de animais vivos no espaço, como na Arca de Noé. De certo modo, a ausência dessas experiências por muito tempo não fez muita diferença para mim, pois a existência no espaço era a única que conhecia, dentro da qual fui criado, como se fosse assim para todas as crianças, e aprendi a viver relativamente bem com os recursos disponíveis. Como já ouvi por aí, “você não pode sentir falta do que nunca provou”. Mas à medida que tomava consciência da diversidade da história terrestre, aos poucos foi crescendo um sentimento de vazio e curiosidade, o que se agravou enormemente após a morte prematura e prevista de minha mãe. Ela sabia bem que seu destino era certo e que aquela seria sua última viagem e fez tudo ao seu alcance para que eu conseguisse regressar.

Fui obrigado a tomar todas as vacinas possíveis armazenadas em nosso estoque, até mesmo de doenças já erradicadas, além de seguir regularmente videoaulas de francês, espanhol e chinês – antes mesmo de poder entender a importância que tais coisas viriam a ter. Talvez, em outro momento eu dê conta de falar mais sobre minha mãe, ela ficaria feliz em saber que consegui chegar, sobreviver e ter uma vida significativa.

Pois bem, a poucos meses da Terra, vendo crescer aquele pequeno ponto azul, meu estômago dava reviravoltas como se eu tivesse engolido mil borboletas. Nossos aparelhos não captaram nenhum sinal de comunicação, o que era ruim, mas também nenhum sinal preocupante de radiação. Como expliquei à Yoná, o plano era simples – utilizaríamos o módulo principal da nave-mãe para a reentrada e seguiríamos para a região onde se localizava a maior reserva de florestas e água doce do planeta. Pousaríamos no oceano, próximo à costa, era o mais seguro, já que não tínhamos experiência e conhecimento suficientes para aterrissar em terra-firme, e tentaríamos a sorte, usando botes infláveis para chegar ao continente. Deu certo, apesar de acharmos que tudo havia dado errado.

Ao nos aproximarmos do ponto programado para o impacto, a visão da cabine não mostrava a água. Por uma fração de segundos acreditei que o módulo iria colidir fortemente contra o chão. Em vez disso, algo amorteceu o pouso e milhares de objetos que não eram destroços do impacto se espalharam levemente pelo ar. Eles refletiam a luz solar, divergindo em muitas direções. Parei confuso por alguns minutos, senti meu peso pela primeira vez, a nave, já preparada para flutuar, balançava como depois entendi ser o balanço do mar. Sem fazer nenhuma medição ou análise atmosférica – não havia mais necessidade – abri a escotilha e diante dos meus olhos vi uma



imensidão de lixo. Um deserto de objetos plásticos cobrindo o oceano por quilômetros e quilômetros, refletindo os raios solares por todas as direções. Nada de pássaros, peixes, baleias ou golfinhos.

Naquela situação, uma sensação aterrorizante me inundou, uma mistura de euforia, raiva, medo e felicidade, e chorei como uma criança sem fôlego, um choro carregado de exaustão e desespero. Eu era ao mesmo tempo o homem mais desgraçado e privilegiado já nascido. Não sabia quanto tempo levaria para chegar ao continente, mas sabia que era preciso aproveitar o máximo de tempo de luz natural. Passamos uma noite ainda no módulo antes de sair na manhã seguinte, tentando descansar, apesar de não conseguir dormir. Havia uma quantidade indescritível de embalagens de plástico acumulado, peças e destroços enormes cuja origem era impossível identificar. Todo esse entulho formava algumas camadas sobrepostas, que impediam de ver a água, mas não a ponto de possibilitar uma caminhada. Após inflar dois botes, que acomodavam todos com folga, carregamos as mochilas com suprimentos e equipamentos e nos pusemos a abrir espaço com muito cuidado. Colocamos máscaras para evitar o fedor mais intenso no fundo dos destroços e começamos uma lenta travessia daquele monstro gigante, que parecia querer nos engolir. A tensão era enorme, uma descarga de hormônios levava meu corpo ao limite, contraindo cada músculo e acelerando meus batimentos cardíacos.

Não sei quanto tempo se passou exatamente depois disso. Meu organismo não estava preparado para a exposição da gravidade e da luz solar, muito menos para o ar atmosférico, tão carregado de elementos que meu corpo desconhecia. Apesar da rotina de exercícios no espaço ser tão natural quanto ir ao banheiro, e de possibilitar uma excelente condição física, ninguém nunca tinha crescido fora

da Terra e voltado para contar. Só me senti realmente bem na Terra anos depois, após experimentar várias mudanças completas nos ciclos das estações. Por mais que me esforce, não consigo lembrar como chegamos em terra-firme, nem se chegamos sozinhos ou se alguém nos ajudou. A última coisa que me lembro é de remar e remar no meio daquele continente de lixo, até perder a noção do tempo. Às vezes tenho lampejos vagos de discussões, de alguns querendo voltar, do grupo se separando, se perdendo, se reencontrando. Tenho visões caminhando por áreas desertas, dos meus olhos doloridos, e de momentos carregando alguém ou de ser carregado. Depois disso, nunca mais tive notícias de nenhum dos jovens que aterrissaram na Terra comigo. Não sei por quanto tempo andei, nem por onde passei, não tenho ideia da distância do local onde pousamos até a Aldeia da Fraternidade.

Mesmo já sabendo essa parte da história, a menina quis ouvir novamente como fui resgatado por seus avós que me encontraram perdido na mata e como sua mãe se tornou para mim uma irmã, acolhendo-me e aceitando o que, para muitos, era loucura. Nos primeiros anos eu insistia frequentemente com os avós de Yoná para que levassem à Assembleia a minha proposta de compor uma comitiva para procurar a nave. Afinal, poderia haver, no meu entendimento na época, muitas coisas úteis conservadas, ferramentas, sistemas de energia e equipamentos tecnológicos avançados, talvez as sementes estivessem preservadas. Apesar do forte desejo de seguir a profecia que dizia que o mar havia encontrado o Sertão, eu não tinha qualquer pista concreta e muitos nem acreditavam completamente em mim. Uns me chamavam de “Pequeno Príncipe”, outros diziam que meus olhos azuis poderiam trazer má sorte ou que eu mesmo poderia carregar doenças para a vila e alguns evitavam me cumprimentar.



Com o tempo, fui sendo aceito, na mesma medida em que fui entendendo que já se tem aqui tudo que é preciso para viver bem, que todos trabalham com orgulho e alegria, apoiando-se mutuamente, e que aqueles apetrechos eletrônicos não mereceriam uma missão demorada, arriscada e incerta. E aquela pasta nutritiva, de fato, nunca me fez falta – Ah! Como fui feliz ao conhecer a castanha de baru, um dos primeiros alimentos naturais que me foram oferecidos!

Com o apoio da família de Yoná, fui aprendendo a sua língua e me integrando aos costumes da comunidade, desde a tradição de discutir os sonhos pela manhã até a complexa organização do trabalho. Aprendi na minha experiência prática os fundamentos da proteção, do acolhimento e do cuidado. Aprendi sobre o valor do tempo que dedicamos aos mais novos, aos mais velhos e aos convalescentes. Aprendi que amor não é só um sentimento vago e intangível, mas é o resultado dos vínculos que cultivamos, do senso de comunidade e de obrigação de uns com os outros. Aprendi também a respeitar os limites da natureza e entendi que os animais não são nossa propriedade. Aqui, não se fala em satélites, embora eu ainda consiga observá-los vagando no céu, nem há instrumentos e computadores para fazer cálculos astrofísicos, embora consiga-se ler com incrível precisão os sinais do tempo. Desde que o novo sistema se consolidou, ninguém acumula riquezas individualmente a ponto de não precisar contribuir pelo menos algumas horas por semana com as atividades comunitárias. Todos aprendem desde cedo que a riqueza humana é resultado do acúmulo histórico de conhecimentos e técnicas que só podem existir como fruto coletivo, devendo ser, por todos, partilhado.

Dizem que só valorizamos as coisas quando as perdemos, não concordo. Por tudo que estudei e vivi, entendi que a civilização de meus ancestrais não deu valor a nada disso, nem quando o fim já

era certo. Após muitos anos, tendo apreendido a língua e as normas locais, pude enfim pesquisar por mim mesmo os textos históricos ainda conservados nas cidades abandonadas mais próximas. Apesar de não ter encontrado nada muito diferente do que já ouvira nas falas desse povo altamente instruído, a leitura em isolamento daquilo que eu não ousava acreditar deixou-me meu segundo maior trauma e foi então inevitável reconhecer e aceitar.

Meus ancestrais, os quais por muito tempo eu via com orgulho e admiração, não eram heróis se sacrificando pela humanidade. Eles eram os responsáveis pelo cataclismo, foram suas indústrias que derrubaram as matas e seu plástico que infestou os oceanos e amorteceu nosso pouso. O programa XÆ-12 não era uma missão em busca de salvação ou redenção, mas uma fuga desesperada e covarde, depois que todos os recursos tinham se esvaído. Quando as cápsulas foram destruídas pelos rebeldes e toda a antiga estrutura de poder ruiu, os privilegiados, na iminência de verem seu império cair, como as monarquias absolutistas no longínquo século XVIII, simplesmente fugiram – ou, como uma interpretação diferente poderia concluir, foram expulsos. Levando suas famílias, amigos, e reunindo toda a elite que antes dominava o sistema, partiram na tentativa de perpetuar seu estilo de vida predatório, não mais aceito na Terra, em outro planeta.

Hoje, consigo ver com clareza que tudo o que era ensinado ao meu avô e à geração criada no espaço estava fundamentado na ideia de que a vida dependia da exploração incessante de recursos para satisfazer as necessidades humanas, que não encontravam limites. Os grandes avanços da civilização eram apresentados como feitos de mulheres e homens ambiciosos, exploradores que haviam acumulado poder e riqueza com suas proezas. A competição era o que movia os homens e o que determinava a decisão de investir em novas tecnologias. A



busca por poder e a ideia de uma hierarquia intrínseca entre os grupos humanos era apresentada como parte inevitável da natureza da gente e não como algo aprendido.

Somos humanos, somos frágeis, mas fomos incapazes de organizar um sistema onde todos pudessem ter o direito de produzir, adoecer e envelhecer. Com certeza, a tragédia que acometeu meus antepassados ao chegar em Próxima B e a nossa situação de desespero e penúria na viagem de volta me ajudou a ter outra perspectiva das coisas. A própria ideia da inevitabilidade da organização da experiência humana a partir de um sistema monetário me soava tão falaciosa quanto as histórias de mundos imaginários da literatura fantástica. Não à toa, Yoná me fez as mesmas perguntas que eu havia feito a minha mãe quando criança – “O que é dinheiro? Por que quem não tinha dinheiro não podia comer, nem ter uma casa? Mas nós também não temos dinheiro!”. Disse que não se preocupasse, pois essas regras não faziam mais sentido hoje.

Se já havia dúvidas em mim, ao ser acolhido e integrado aos costumes, rituais e normas da Aldeia, os questionamentos se multiplicaram. Já se vão mais de quarenta anos e jamais contara essa história com tantos detalhes. Vez ou outra me pergunto: “O que se terá passado em Próxima B? Pode bem ser que alguém tenha ficado e sobrevivido. Onde foram parar os que comigo chegaram?” Agora já me consolei, é tarde e a menina não oferece mais resistência ao sono. Será tudo isso um sonho? Uma utopia fruto da minha imaginação delirante antes de morrer numa cabine de hibernação defeituosa? Eis aí um grande mistério.

Aldeia da Fraternidade, 2184.

## Linha do tempo da primeira parte

- 2020 Nascimento de Ash Reeve.
- 2021 Suposta carta do futuro encontrada.
- 2032 Criação do Complexo.
- 2044 Nascimento de Flora.
- 2060 Nascimento de Íon Reeve.
- 2064 Morte de Elon Reeve, fim do projeto de colonização de Marte.
- 2064 Carta da morte (25 de dezembro),  
Última Grande Guerra.
- 2065 Ash Reeve lidera a viagem ao Planeta Próxima B.
- 2092 Nascimento de Elona Reeve.
- 2095 Morte de Ash Reeve.
- 2104 Chegada em Próxima B.
- 2106 Morte de Íon Reeve, partida de Próxima B.
- 2120 Nascimento do homem que veio do céu.
- 2144 Pouso de regresso à Terra.
- 2184 Yoná ouve a história do homem que veio do céu.



# PARTE 2



PEIXES





- Dra. Ariadne? Doutora?
- Oi?! Desculpe. Já chegamos?
- Sim. O trem já vai desacelerar, a senhora precisa ajustar os cintos de segurança.
- Ok. Assim?
- Isso, mas faltou o que segura o pescoço para evitar o efeito chicote.
- Tá certo. Obrigada.

As mãos pulsando inchadas, o pescoço dolorido pelo cochilo sem jeito e agora apertado por um aro de metal frio, eram os primeiros contatos com aquele instante de acordar. Da janela, os riscos de cenários percorridos em enormes velocidades iam se assentando e formando os contornos da cidade no meio da floresta. Os verdes amazônidas ainda se faziam ver no cair daquela tarde, adiantada como já vinham sendo o escuro dos dias. Cada vez mais, havia menos luz, em 2101, o dia terminava por volta de 15h. Assombrava o contraste do chão amarelo do De-Sertão, centro do Brasil que o trem atravessara naquelas duas horas de viagem entre Brasília e Manaus, e aqueles resquícios de vida que teimavam no Norte.

A pneumologista, serva da Plataforma Saúde SA, estava recebendo, há mais de oito meses, recortes dos estudos e dos indicadores do Norte. Trabalhava com um núcleo integrado da Plataforma, conhecia o nome apenas de uma das médicas, mas sabia de cor os resultados e havia construído modelizações que frearam o avanço da epidemia. Na manhã daquele dia, tinha sido retirada do serviço e enviada às pressas para apresentar uma solução definitiva para o que estava acontecendo com os manauaras. A urgência daquele trem magnético, sem poder voltar à casa, a imposição de encontrar

uma resposta, sem a qual, sofreria um processo pelo Ministério da Verdade, tudo isso pesava muito. Era uma serva fixa. Nunca havia ido mais longe do que a sede da Plataforma em Nova São Paulo, desde que fora selecionada pelo ótimo desempenho no Centro de Treinamento Superior *Campus* General Brillhante, que ficava às margens da Praia Norte de Brasília. Conhecia apenas de sua função, não havia espaço para perder tempo com floreios, muito menos fazia sentido viajar. Ali estava, no entanto.

- Sejam bem-vindos à cidade de Manaus. É obrigatório fazer a instalação do aplicativo da Plataforma Acqua no chip de pulso. É obrigatória a apresentação do passe de ir e vir expedido pelas Plataformas SA pelo chip frontal. A não apresentação aos postos de controle implicará multa de quatro anos de servidão para a Plataforma Acqua.

O aro do pescoço e as amarras dos braços e tronco se soltaram assim que o trem parou. A médica fez menção de levantar-se, mas seu movimento foi interrompido pela ordem do servo da Plataforma Acqua:

- A senhora tem que vir agora. – Disse o homem de traços duros e pele avermelhada, estendendo uma capa de chuva.

Com o olhar baixo, como lhe fora ensinado, em silêncio, Ariadne vestira a capa por sobre suas roupas e mochila. Seguiu os passos ditados pelo outro servo, que, como ela, servia, mas que, naquele momento a tinha como serva, não dele, mas de sua Plataforma. Entraram em um túnel de acesso que levava ao posto de controle. Sempre ficava tensa mesmo tendo todos os aplicativos instalados nos chips de seu corpo, mas tremia a cada posto. Sua



melhor amiga do colégio não tinha a versão atualizada ao sair da aula. Ela assistiu a jovem ser arrastada pelos servos do controle. A moça nunca mais teria sido a mesma, após anos confinada pela multa. Ela só tinha dezessete anos.

Continuaram por outro eixo de acesso até o transporte planador. O estômago se contorcia. Já havia um tempo que não se alimentara. Só poderia comer depois de entregar a meta do dia. No transporte, ia também uma senhora muito bem vestida, coberta por um capacete de respiração. Nos assentos atrás dela, uma mucama carregava no colo um bebê e segurava à mão uma menininha, os dois com capacetes de respiração. A mucama tinha o rosto descoberto. Estranho ver o rosto inteiro de uma desconhecida. Seria bom poder usar um capacete, mas sua casta não lhe permitia. Ainda assim, Ariadne sabia que deveria ser grata, podia usar o lenço de rosto.

O transporte aterrissou. Por entre as frestas dos anteparos da nave, embaçados pela chuva, podia-se ver uma mansão numa clareira. Disseram ser uma casa de senhor da Plataforma Acqua. A beleza e grandiosidade daquele lugar eram tão gritantes, até mesmo para os padrões das casas grandes da Cidade Administrativa, lugar que ela fora ensinada ser o centro da civilização. Foi, apenas nesse momento, que ela entendeu quem poderiam ser aquela mulher e crianças. O transporte alçou voo, os últimos traços de luz sumiam no horizonte. Instantes depois, o hospital das clínicas da região Norte. Ao descer, o lenço de rosto embebido pela umidade da floresta não fazia sentido como proteção, mas tirá-lo não seria uma opção.

- Finalmente! Os senhores de Brasília parece que não entendem nada mesmo!
- Dr. Júlio, entrego a pneumologista enviada pela Plataforma Saúde.

- Tá, tá! Pode ir.

Os enormes olhos castanhos percorriam o chão do hospital. Ao ouvir seu nome, ela se lembrou de que podia levantar o rosto.

- Dra. Ariadne Eos? É isso?

- Sim, doutor. – Respondeu, esticando o pulso sobre a prancheta de controle.

- Perfeitamente. Quero que você olhe os dados que coletamos nas últimas 24h. A situação se agravou muito.

- Posso usar esta estação?

- Pode. Mas, depois de terminar, esterilize tudo, inclusive os teclados.

- Sim, senhor. A Dra. Aiyra vai vir?

- Você vai trabalhar com a enfermeira Olívia Desana. Ela já vai chegar.

- Sim, senhor. Mas, queria conversar com a Dra. Aiyra sobre os dados que ela me mandou no mês passado.

- Já disse, você vai trabalhar com a Desana. Então, comece.

Ela fez que sim com a cabeça e esperou que ele se afastasse da baía. Precisava saber de casa.

- Oi, vó... Sim... Tem umas duas horas... Desculpa... tá, vó... Não, ainda não comi não... Eu sei, vó, eu sei, mas não tinha mais rações, só as que deixei pra você e pro João. Ele comeu direitinho? Entrou na aula?... Tá... Não, não posso falar com ele. Nem podia ter te ligado... Eu sei, vó. Desculpa... A senhora também. Bença, vó.

Uma mão a surpreendeu. Ela mal havia desconectado e, na sua frente, estava a oferta de uma barra de arroz.



- Pega, minha filha.

Um homem de cabelos muito brancos estava limpando a sala. Ela não o tinha percebido até então.

- É... não posso aceitar.

- Pega. Eu tenho mais. Ganhei uma caixa da Dra. Aiyra. Ela é boa aqui. Pega. Você tá muito branca, moça.

- Muito obrigada.

A barra seca se desfazia na boca seca. Água era um luxo que não podia ter fora de casa. O estômago doía, mas era uma dor melhor. Não tinha se dado conta, mas já suave frio. O arroz cristalizado veio numa boa hora.

Eram tantos dados. Ela lia rápido, entendia rápido. Mas, não estava nenhum pouco certa da resposta. Havia uma projeção assustadora, as baixas esperadas para o fim daquele ano levariam mais de um quarto dos dez milhões de habitantes da região. E o perigo era de que isso se espalhasse. O De-Sertão era uma fronteira natural protegendo a Cidade Administrativa e as sedes das costas. Dentre os documentos, havia papéis escritos a mão. A medicina que havia aprendido no centro de treinamento não tinha nada a ver com história ou demografia. Mas, leu. E leu:

*... Após o enorme fluxo migratório para as costas, o Norte se tornou uma região atrativa, especialmente pelo acesso à servidão nas corporações de água. O centro do país se tornara uma região esvaziada desde a desertificação e a inundação das megacidades costeiras. Há o perigo de que, agora, com a nova composição administrativa das regiões, haja um contra fluxo. Os antigos estados foram agrupados sob o comando da Plataforma Areste, que produzia energia eólica*

*nos enormes cânions da região De-Sertão. Há uma demanda por servos na região e se percebe pelos relatos dos postos de controle um aumento dos pedidos de passe. É imperioso que se preserve a Cidade Administrativa das Plataformas SA e do Ministério da Verdade. A ilha entre o Atlântico e o De-Sertão precisa permanecer fechada. Os senhores precisarão intensificar o controle. Não pode haver migração...*

Em outro trecho, outra letra e uma narrativa sobre rios voadores. A coisa já estava saindo de controle. Não era possível que teria de lidar com crendices que atentavam contra o dogma do Ministério da Verdade. Um nome anotado à margem e uma data davam ares de cientificidade – “Marengo e Nobre, 1998”. O trecho seguia:

*A composição dos vapores que constituem rios voadores pôde ser analisada, evidenciando outras ligações moleculares entre os átomos de hidrogênio e oxigênio. A partir dessa observação, procedemos a um teste com um grupo de pacientes que foi levado a altitudes elevadas, uma melhora pode ser verificada. Apesar disso, poucas horas depois de pousarmos, três dos cinco faleceram. Os outros dois estão entubados.*

Ligações intra e intermoleculares, poderia haver alguma pista ali. Ela era uma mecânica, uma engenharia da respiração, era assim que se entendia. Assim também é que, até então, tinha respondido às tarefas demandadas, sabia consertar. Nunca tinha parado para pensar em algumas relações, na verdade, não tinha tempo pois as metas eram sempre urgentes. Também não queria parar para pensar, pois teria de pensar em muito mais. O consórcio entre as Plataformas SA e o Ministério da Verdade, que comandava o país desde 2043, após os 21 anos do Segundo Império das oligarquias paramilitares,



ainda persistia em Brasília. Tinha fotos antigas do avô, professor de biologia. O Planalto agora tinha costa. Brasília durava. Lembrava-se de vê-lo vomitar depois de um informe sobre o avanço das águas. Ela era pequena e, mesmo sem entender, sabia. Pouco depois, o avô fora levado. Era melhor não perder tempo pensando para além das metas.

Essas anotações no meio de estatísticas e dados precisos eram tão desnecessárias na aparência, mas a ironia de coincidentes sons fazia sentido, já que sua cidade estava ilhada, de um lado, o oceano atlântico que havia engolido as costas brasileiras nas últimas oito décadas, e, do outro, o De-Sertão espraiado pelas velhas plantações de soja. Ela era uma ilhéu no meio da mata e precisava responder ao que estava acontecendo.

- Opa! Estávamos esperando por você!

Uma voz rouca rompeu ar e o pensamento.

- Oi! Tudo bom? Você já comeu? - Disse a moça, já avançando para abraçar Ariadne.

- Oi! É.. Olívia?

- Sim, sou sua equipe. – Respondeu.

- Trouxe um lanche. Você gosta de tucumã? Acabei de fazer essas tapiocas. Tem banana com queijo também. – A enfermeira abria espaço na estação e desembrulhava uma matula.

- Eu nunca comi. Até queria, mas não recebi meus créditos daqui. – Respondeu Ariadne.

- Tranquilo. Vamos comer. – Disse, servindo um copo de suco.

- Eu agradeço muito.

Depois do arroz seco, aqueles gostos. Não se lembrava da última vez em que lhe fizesse se sentir tão bem.

- É bom, né?! Aqui a gente ainda consegue apanhar umas coisas pra comer. A gente só não pode sair falando, viu? Tá, mas, já vi que você estava mexendo nas pastas.
- É, estava. Comecei sem você, desculpe. O Dr. Júlio mandou.
- Tudo bem. O que você achou até agora? Estranhou os rios também?
- Sim.
- Espero que você nos ajude. A Dra. Aiyra escreveu isso antes de sumir.
- Ela sumiu? Como?
- Pois é, ela disse que tinha entendido o que estava acontecendo. Faz dois dias saiu numa ação de campo e não voltou.
- Por isso que eu estou aqui?
- Acho melhor a gente evitar falar disso. Vamos retomar os dados, pode ser?

O trabalho se estendeu por horas, dias. Soubera do filho, premiado nas últimas avaliações. Poderia continuar estudando. Era um alívio. Progrediria para o 6º ano. Só de imaginar no futuro de quem não consegue atingir as médias, ela temia por ele. Sobrepostas às tensões de velar por duas outras vidas, as peças do quebra-cabeças teimavam em não se juntar, ainda não tinham conseguido encontrar uma resposta, os números de mortes por asfixia se somavam e pesavam na voz do Dr. Júlio que exigia a solução. Uma resolução incalculável, pois, além das mortes, havia um número ainda maior que não podia ser divulgado, pessoas estavam sumindo.

Ainda assim, a médica começou a entender algumas coisas como porque não se usava lenços de rosto, a não ser em locais fechados. O ritmo das pessoas era diferente, podia comer várias vezes no mesmo dia, e gostou muito de jambu, por mais estranho que fosse. Coisas



banais, mas precisava pensar e sentir, estar longe de casa permitia isso. Era um espaço de egoísmo que se permitia, pensar sobre si, sobre o que sentia, via e ouvia. Respirava um ar molhado, tão diferente do clima seco e salgado de Brasília, mesmo na beira-mar.

A população da cidade encolhendo e era sobre o que ela deveria pensar. As mortes, já se sabia por que. Os últimos testes indicaram a possibilidade de príons alterando estruturas de diferentes proteínas. Os gráficos de trocas gasosas apontavam a perda da capacidade de respirar oxigênio. Algo começava a fazer sentido, mas o número de desaparecimentos, não. E se o Dr. Júlio gritava, mesmo sendo da alta cúpula, já se sabia que não eram pessoas levadas, como o avô de Ariadne. Algum fator diferente nessa equação não estava sequer no horizonte dos senhores da terra.

Um dia, Olívia chegou acompanhada por uma parenta Dessano, como ela chamou. Era uma senhora mais velha que a avó de Ariadne, talvez a pessoa mais antiga que conhecia. A senhora contou de sumiços que sempre ocorreram em sua comunidade, explicou que os saberes ancestrais já tinham dado conta de que seria um resgate pelos rios do ar. O ceticismo treinado por anos pela médica não poderia permitir a ela perder mais tempo com aquilo, mas Olívia lhe pediu paciência, pediu que ouvisse.

Uma presença constante, era a do Seu Tião, o faxineiro que lhe dera a barra de arroz. Ele tinha o dom da discrição e do silêncio, mas estava sempre ali, via tudo. Por um certo tempo, a pneumologista temeu falar perto dele. Ele via tudo, mesmo quase não sendo visto. Mas, dados os três meses de convivência, Ariadne já tinha se acostumado. Ele parecia saber bem mais do que sua categoria de servidão poderia deixar ver. Era um risco, mas ele acabava sempre ajudando, especialmente em momentos de impasse. Fosse por uma barra de

arroz, fosse por uma ideia amalucada.

Naquela tarde, depois da saída da anciã, ele se aproximou e contou que também conhecia essas histórias. Sabia de um lugar para onde algumas pessoas de seu bairro tinham ido e de onde não mais voltaram. Iam e as famílias ficavam felizes.

No dia seguinte, bateram cedo na tampa de sua capsula de sono da ala de passagem. Ela se assustou com os golpes que ressoaram na planta de seus pés. Eram Seu Tião e Olívia. Precisavam ir e rápido. Olívia, ouvindo Seu Tião no dia anterior entendeu que a Dra. Aiyrá só poderia estar no lugar do qual ele havia falado. Pressionado pela enfermeira, concordou em levá-las. Os corpos se amontoavam pelas ruas. Pessoas cambaleando. Ariadne, que até então não havia adoecido, temia. Tomaram diferentes conduções até chegarem a um braço estreito do rio. O sol já estava alto. Ariadne não tinha levado nenhum instrumento de testagem, nada, e não entendia ao certo porque estava ali, entrando na floresta, mas, no fundo, sabia, como quando criança.

Chegaram a uma margem de onde surgiram cinco pessoas. Era como se estivessem mimetizadas com a mata. Falavam um idioma tonal, deveria ser uma das antigas línguas banidas, ela sabia que não poderia sequer ouvi-las pela lei do Ministério, e teria de denunciar a prática para não ser punida. Olívia, para seu espanto, era fluente. Seu Tião ficara na embarcação, disse estar velho para essas coisas. Andaram por horas floresta adentro. A magnitude das árvores havia engolido qualquer possibilidade de retorno à margem. Não tinha como sair dali. A imagem do filho e da avó apertavam seu peito.

Acabaram chegando a uma clareira. Havia estrangeiros e indígenas acampados, e um sem número de pessoas caídas pelo chão. Recebiam unguentos para respirar. Era um tipo de tratamento



bárbaro, inaceitável. Morreriam ali. Nenhum membro da Plataforma Acqua. Ela precisaria reportar tudo isso. A família seria a primeira a sofrer se não delatasse.

- Vocês chegaram. Que bom! A Dra. Aiyra avisou.

Aparentemente a líder, uma mulher jovem, mas com o rosto e as mãos castigadas, vestia uma jaqueta de camuflagem e estava armada. A busca pela resposta exigida seria seu fim, e, pior, de seu filho e de sua avó. O desespero tomou conta de Ariadne que pediu que fosse levada de volta.

- Por favor, me levem de volta. Prometo não contar nada.
- Pode contar. Mas você vai até o final. Depois, se não quiser seguir, você volta.

Olívia e Ariadne foram empurradas, junto a um grupo de doentes, por uma trilha fechada até chegarem a um enorme angelim vermelho. Havia um rasgo no gigantesco tronco. Aqueles doentes, um a um foram conduzidos por ali. Era como uma casa ou um ventre. A médica não sabia o que pensar, não fazia o menor sentido, mas ela estava vendo as pessoas sumirem, pessoas que já não respiravam. As poucas horas diárias de sol estavam acabando, ela temia ainda mais permanecer ali.

Voltaram ao acampamento. Deram-lhe de comer e abrigo. A líder se aproximou de Ariadne e Olívia. E disse à médica:

- Olha, você vai dormir aqui. Amanhã, vamos te devolver. Você precisava ver. Agora, presta atenção. Você vai dizer que as pessoas que estão sumindo, na verdade estão morrendo na floresta. Ninguém vai questionar isso. São todas servas de categorias muito baixas. São substituíveis.

- Por favor, eu preciso ir embora. Vão perceber que eu não estou na minha capsula. O Seu Tio vai falar. Pelo amor de deus. Eu não posso ficar aqui.

Ela mal dissera essas palavras e caiu no sono. No meio da noite ouviu a voz de Olívia. Olívia pedia pela amiga, não entendera bem, mas era como uma troca que estavam combinando. A líder, ao ver que Ariadne estava se mexendo, aproximou-se dela e disse que ia lhe dar um presente, o hálito do céu. Ela retirou o lenço de proteção do rosto da médica e soprou.

Ariadne acordou em sua capsula de pernoite ouvindo gritos de um encarregado da Plataforma Acqua. Precisava lembrar de tudo, acordar era um exercício muito difícil, a cabeça pesada. Em poucos minutos estava na estação de serviço. Olívia redigia algo.

- Aqui, Dra. Ariadne, como a senhora me pediu, avancei na transcrição dos dados e das análises. Expliquei ao Dr. Júlio que a senhora estava passando mal e que, por isso não pode trabalhar ontem. Ele vai cobrar alguns créditos pela sua falta ao serviço.

Enquanto ouvia, Ariadne cumprimentou o Dr. Júlio. O médico, um homenzinho atarracado, olhava de cima.

- Sim. Desculpe, doutor.

- Olha aqui, não estava no contrato das Plataformas que você poderia adoecer. Não vou falar nada para o seu senhor. Mas quero o relatório final pronto hoje. Você volta para Brasília às 18h.

Ariadne terminou suas análises, indicando que a mata estaria escondendo os corpos dos desaparecidos, mas que isso não deveria importar aos senhores, pois eram servos substituíveis. Orientou que



se intensificassem os cuidados com as castas mais altas, a partir de um tratamento já conhecido para doenças causadas por príons. Isso deveria evitar maiores taxas de transmissão nas cidades. Após Olívia revisar o texto, a médica colocara sua digital no documento e o remetera ao gabinete do encarregado.

- Ariadne, você vai, mas precisa voltar.
- Não posso voltar, meu filho, minha avó. Não posso voltar.
- Mas você precisa. Você sabe o que vai acontecer se não voltar.

Os dias transcorriam sem muitas mudanças. Muita chuva em Brasília e já era o final de janeiro. O ministério ditava mudanças sobre a verdade a cada dia, até o ponto de não mais se saber qual seria a realidade. Ariadne reconhecia trechos de seu relatório naquelas versões sobre os cuidados com o que havia se tornado uma pandemia. Ela tinha concordado com uma mentira e o preço eram mortes.

Não sabia se aquela árvore, se aquelas pessoas realmente estavam respirando em outro lugar. Queria acreditar nos rios voadores. Tentava respirar, era cada vez mais difícil, mas não voltaria ao Norte. A avó havia morrido no mês anterior, sufocada pelo ar. Precisava deixar tudo certo para João. Precisava seguir estudando como reverter a contaminação pelo príon, era sua dívida. Era o que ainda podia.

Nas portas dos hospitais, entre corpos empilhados e gritos desesperados, pessoas buscavam o ar. Uma a uma, estavam virando peixes.

# O FUTURO



# DE UMA TIJOLÃO



Hoje, não sinto mais dor. Hoje, não sinto mais falta, nem raiva. Não tenho mais força nem opção de lutar.

Nasci na Nova Favela, um lugar não muito diferente de três séculos atrás, mas que crescera com o tempo. A Nova Favela tem a extensão da antiga América Latina somada a antiga África. Nós somos comandados pela Primeira Ordem Imperial (POI), que surgiu por um desejo de construir uma sociedade na qual as pessoas fossem livres para expressar seus sentimentos mais profundos, sem sofrer pelo controle moral das culturas ou religiões tradicionais humanas. Porém, após um período de alegria e esperança, a ordem política e social dos Estados Nacionais saiu do controle, as cidades começaram a ser vandalizadas e destruídas, as pessoas violentadas, assassinadas e o poder foi tomado por mãos autoritárias e violentas.

Eu me chamo Pedro, tenho quinze anos, vivo na América do Sul, mais especificamente no Brasil. O ano é 2333, o dia é 25 de julho. Hoje, é um bom dia, pois é a primeira vez que consigo encontrar algo para comer após sete dias. E já são 16h37, ou seja, daqui a pouco encontrarei meus amigos para voltarmos para o alojamento, porque, às dezessete horas, a POI começará a revistar todas as crianças, para se certificarem de que todos que sobreviveram aquele dia estejam sobre o seu controle.

Antes da revista, consigo encontrar meus amigos e fazer contato apenas com o olhar. Eu sei que parece fútil, mas a maneira que Mari e João demonstram felicidade e alívio ao me ver, faz com que a dor de não ter meus pais seja aliviada. Na verdade, nenhuma daquelas crianças tinha pais. A América Latina tinha se tornado uma base de exploração de crianças, na qual praticamente nenhuma pessoa com mais de dezessete anos podia morar. Os adultos eram sujeitos que

já tinham uma visão crítica sobre o sistema, eles questionavam e se revoltavam, e isso era prejudicial para a POI que tinha como missão alienar todos os seus subordinados para que tivessem devoção a um único imperador. E, apesar de todo o seu poder, eles não poderiam esperar mais uma rebelião – por isso, a política de controle estava mais severa a cada ano.

Eu não sei o que acontece com as pessoas que atingem os dezoito anos e saem deste lugar. Só sei que estou com medo de chegar a minha vez.

Sempre quando temos tempo livre do trabalho de catadores e selecionadores, Mari, João e eu costumamos brincar de pique-pegue-esconde, uma brincadeira sem nenhuma malícia, que só consiste em capturar os caçadores. E, hoje, antes de iniciar o turno da noite, conseguimos terminar o nosso trabalho mais cedo para brincarmos. Mari tinha sido escolhida para ser a comandante da missão, ela deveria recuperar a princesa de seu planeta, capturada pelos caçadores, João e eu. Quando a brincadeira estava para acabar, porque Mari já tinha capturado João, eu ainda estava procurando um esconderijo para me esconder. Até que encontrei um freezer velho que já não funcionava mais, do qual a Mari nunca suspeitaria. Mas, quando puxei a porta para fecha-lo, sem querer, acabei me cortando com um pequeno broche dourado com o símbolo da antiga rebelião. Sempre tinha escutado dos jovens mais velhos sobre essa tal de rebelião, acreditava que essas histórias contadas às escondidas, tarde da noite, serviam como uma faísca de esperança para um futuro melhor.

Nós três ficamos sentados em círculo encarando aquele broche por um longo período. Até que João decidiu quebrar o silêncio:



- Devemos jogar esse negócio fora!
- É claro que não. Isso só mostra que a rebelião realmente existiu, ou seja, existiram pessoas que foram capazes de enfrentar a POI. – Disse Mari.
- Todas elas estão mortas. – João rebateu.

Mari se sentiu mal por um tempo, pois não gostava de ser lembrada que as pessoas que ela tinha depositado tanta confiança, tinham perdido para o Imperador, mesmo que ele fosse mais forte que todos eles.

Mari era a mais velha de todos nós, ela fez parte da última tentativa de fuga organizada pelos soldados rebeldes para salvar um grupo de crianças que residiam no estado de São Paulo. Ela admirava aqueles soldados. Acreditava que, naquele dia, conseguiria sua liberdade. Mas, no fim, só conseguiu ver seus heróis sendo aniquilados. Então, doía muito ouvir aquilo de seu melhor amigo.

- Hoje, eles são como lendas e inspirações para todos nós. Só por esse motivo conseguimos dormir de noite, acreditando que, um dia, alguém virá nos salvar. – Ela terminou essa frase com lágrimas nos olhos e depois disfarçou, para que nenhum de nós tentasse consolá-la.
- Mas, vamos arranjar problemas, Mari.
- Só se alguém descobrir.
- Então, o que vamos fazer? – Eu questionei e logo depois tirei o broche do chão. Assim que olhei mais de perto, percebi um pequeno botão, e não pensei duas vezes antes de apertar. Na nossa frente, surgiu um holograma, com a seguinte mensagem:

*Sou a comandante D4X, da base do Sol Nascente, Brasil.*

*Infelizmente chegou o nosso fim, depois de tanto esforço e vidas perdidas, não conseguimos vencer a POI. Agradeço a todos que se ofereceram para enfrentar este inimigo da sociedade livre e da democracia, e lamento por aqueles que perderam seus entes queridos. Espero que os sacrifícios deles não tenham sido em vão. Hoje, não temos mais controle da base rebelde, nosso esconderijo foi encontrado, os infiltrados, assassinados. A última chama de esperança que temos são vocês, soldados da nova leva que estão sem orientação de como continuar a missão. Eu compreendo a decepção e medo que estão sentindo agora, mas preciso que vocês se salvem, voltem direto para os lugares de onde vocês vieram. Isso já é uma batalha perdida, não adianta mais lutar. Meus agradecimentos a todos vocês que um dia acreditaram na esperança, da sua comandante D4X.*

A sensação de pavor pairou sobre os rostos de meus amigos, o que não era muito diferente do que eu estava sentindo. Como uma comandante de alto escalão desiste tão facilmente de uma missão? Ainda existiriam soldados infiltrados, querendo vencer e lutar por um planeta mais justo? Desistir assim é covardia, é ter medo de enfrentar um novo mundo que só conhecíamos como histórias antigas e que até encontrar este broche não sabíamos se eram verdadeiras.

Fico furioso e revoltado por saber que os heróis de Mari foram uns covardes, seres desprezíveis que recuaram por acharem que eram mais fracos. E se realmente eles fossem mais fracos, deveriam encontrar força na fé de pessoas que dependem deles, que acreditam e arriscam suas vidas por eles. Ser considerado um rebelde deveria ser motivo de honra, orgulho e perseverança. Ver os olhos frustrados de Mari me faz odiar o mundo em que vivo, me faz odiar a realidade. Senti minha respiração mais ofegante, meu coração estava



quase saindo pela boca e as mãos estavam muito suadas, o que era estranho, já que normalmente elas eram extremamente ressecadas. João ficou sem reação, estava paralisado olhando para o local onde antes estava projetado aquele holograma.

Mas, por que esperar por eles? Por que não tentarmos fugir da nossa base e partirmos direto para um local de comunicação com os rebeldes? Talvez tenhamos chance de a POI não ter destruído o esconderijo deles e de, assim, podermos fazer contato. Nós teríamos que encontrar um jeito de enganar os soldados da POI, além de atravessar a base de selecionadores e catadores. Mas como convencer meus amigos? Como pedir para eles colocarem suas vidas em risco por uma luta que eles não iniciaram? Como lutar por algo que não conhecemos e nem sabemos se dará certo? Como seguir em frente só com a fé de que um dia as pessoas que residem nesse planeta não temerão mais essa realidade? Como seguir sem a certeza? E se tudo pelo que passarmos e por que lutarmos vier a se tornar só uma lenda contada num antigo livro de fantasia?

Ao pensar nisso, senti um sorriso nascendo no canto da boca, será que eu conseguiria vencer essa guerra, se seria um herói dos livros de história ou aconchego para noites mal dormidas de crianças que ainda estão presas nessa realidade? É injusto saber que pagamos pelos erros de pessoas do nosso passado, de pessoas que não souberam valorizar e respeitar as diferenças uns dos outros, que, por viverem em um sistema que cultivava o individualismo, a ignorância e a desigualdade, a sociedade acabou colhendo o egoísmo do ser humano. Não souberam que ter liberdade é bom, mas tem um preço. Um preço que foi pago com desgraça, imprudência e desrespeito. E tudo isso, porque não queriam que ninguém os controlasse. Tudo precisa ser mudado, transformado e repensado. O ser humano

não merece ser valorizado por suas conquistas se o custo para elas existirem for a devastação ambiental e a escravidão humana. Tudo que foi construído até hoje: armas GPS que matam com um só tiro, teletransporte com a velocidade da luz e vacinas alimentares capazes de manter um ser humano por seis meses sem comer, são apenas formas de controle muito bem planejadas pela POI para manter a eficiência do trabalho. Os nossos ancestrais acreditavam que criaríamos máquinas que nos dominariam, que se virariam contra nós. Do meu ponto de vista, talvez esse fosse mesmo o melhor destino para todos.

Mas seria um final muito fácil, simples e insuficiente para os seres que fizeram a sua própria espécie sofrer. Merecemos mais, merecemos pior, merecemos morrer com o nosso próprio veneno. Senti que estava sendo tomado pela raiva. Raiva do que eu não posso controlar. Percebi que deveria seguir o conselho do holograma, talvez não fosse covardia, mas sim o justo e o possível. Embora não tivéssemos iniciado essa guerra, eles não mereciam lutar e morrer por ela, para outras pessoas usufruírem desse bem que não foram eles que conquistaram. A vida já estava perdida. Não me tornei uma pessoa alienada e muito menos iludida. Eu já entendia que tudo o que estamos passando representava o preço de nossos erros. Por que adiar o inadiável? Por que insistir em lutar se a única coisa que vamos ganhar será um planeta com mais de dois terços de seus territórios inabitáveis e pessoas sem fé, sem crença ou esperança? Valeria a pena colocar a vida de Mari e João, que são os meus bens mais valiosos, são minha família, em risco? Para essa pergunta, eu já tinha uma resposta. Não!

Pode até ser egoísta e covarde da minha parte, mas não tenho coragem de arriscar perdê-los, para salvar vidas de quem nem



conheço, que não merecem, que desistiram. Escolho saber que sempre terei eles pelo tempo que a vida me permitir, e não posso brincar com ela, pois já me foi provado o seu valor. Infelizmente, ainda lembro do meu primeiro abraço. Foi quando eu conheci o João, meu primeiro irmão. Quando estávamos trabalhando, João encontrou um moedor de carne elétrico no lixão e infelizmente uma tragédia aconteceu, ele perdeu um braço. Eu estava próximo, corri direto pra ele quando ouvi seu grito. Consegui chegar a tempo de estancar o ferimento, mas, mesmo assim, ele acabou perdendo muito sangue. Após esse infeliz ocorrido, comecei a cuidar dele diariamente, certificando-me de que ele sempre estaria bem. Assim que ele recobrou a sua consciência e retirou os aparelhos que o impediam de se comunicar, eu vi lágrimas de alegria e tristeza molharem o seu rosto. Eu não tinha entendido o porquê de ele estar feliz, mesmo que só um pouquinho. Até que compreendi no momento em que um abraço surgiu, o meu primeiro abraço, o meu primeiro obrigado, que se prolongou por alguns maravilhosos minutos. Ele estava grato. E foi assim que se iniciou a nossa amizade, através da gratidão e solidariedade.

Não muito diferente de Mari. Eu a conheci no momento em que ela chegou de São Paulo. Eu era bem mais novo e estava com medo, por isso, não conseguia dormir, até que escutei uma menininha cantando uma canção, aparentemente, era para ela mesma, pois, como ela estava virada para o meu lado, eu conseguia ver as lágrimas dela molhando o seu rosto. Fiquei admirando-a por um tempo, acho que tempo demais, porque de alguma forma ela levou um susto. Quando eu ia me desculpar por estar atrapalhando o momento, ela me interrompeu e começou a explicar o motivo pelo o qual estava cantando aquela música. Mari tinha aprendido essa melodia com

uma velha senhora que lutou na rebelião contra a POI. As duas cantavam juntas todas as noites antes de irem dormir, quase como se fosse uma obrigação. Mas, em um dia qualquer, soldados da POI encontraram o esconderijo dessa velha senhora. Ela foi assassinada brutalmente e a Mari foi trazida à força para a região do Planalto, após ser obrigada a ver o assassinato de uma mulher que a criou e cuidou dela. Senti um frio na barriga e um enjoo insuportável. Eu não sabia o que fazer, mas sentia que ela precisava de alguém. Como o dormitório era um espaço ocupado por muitas crianças, a distância entre as camas quase não existia. Então, para ninguém perceber, pedi à Mari que colocasse sua mão embaixo da cama, dessa forma, consegui estar ao lado dela. Demonstrei naquele momento que ela não me perderia, que aquela amizade representava a família que nos foi tirada. Eu não precisei falar, mas aquilo era uma promessa.

Portanto, eu não podia arriscar. Aquelas duas pessoas me acolheram, estiveram do meu lado, não poderia deixá-los sofrer mais. Não poderia deixá-los sem nenhuma família outra vez. Eu sei que para estarmos juntos, eles arriscariam tudo, então não me deixariam ir sozinho. Quando levantei a cabeça, vi os dois me encarando com uma cara quase dizendo “E aí, o que vamos fazer?”. Naquele momento eu só consegui sorrir. Levantei, puxei Mari e João com uma mão cada um para levantarem. Abracei os dois o mais forte que eu consegui. Eu precisava daquilo, precisava saber que estavam bem, que estavam perto de mim. Antes que qualquer um deles começasse a falar, peguei aquele broche e o coloquei no lugar que estava, no lugar onde sempre deveria permanecer.





Hoje é meu primeiro dia servindo ao exército, já que no teste de aptidão que fizeram no colégio não fui um dos melhores e, portanto, não consegui indicação para ingressar na universidade. Mas, eu já desconfiava, eles só escolhem as pessoas consideradas puramente arianas e o mínimo resquício de cor já é um motivo para eliminação.

Às 7h, nos reunimos na Praça do Triunfo – onde acontecem os desfiles e as demonstrações de poder – em frente à enorme bandeira alemã e brasileira para saudação e execução dos hinos nacionais. O primeiro a tocar é o da nação suprema, que desde 1945 – quando Getúlio formou a aliança das Américas – é responsável por esse período de organização e progresso que vivemos, depois de alguns anos turbulentos em que ainda havia resistência. O segundo hino é o do nosso amado país, que desde o início dessa era caminha ao lado do Führer.

Não muito tempo depois do fim da guerra, instaurou-se o processo de divisão do Brasil e o Sul se tornou uma nação independente, onde é presente a maior parte do povo alemão no continente. Lá foi instituída a Nova Alemanha, capital do Estado unificado do Sul. Por outro lado, o Rio de Janeiro, decadente, perdeu importância e *status*, e, na década de 60, deixou de ser a capital do Norte, dando lugar à Cidade Administrativa, construída aqui no Planalto Central, território estratégico onde foram instalados os novos centros de detenção e reformatórios. Apesar da obediência aos princípios nazistas, a nação do Norte é um pouco menos alinhada com o Império Alemão, por questões biológicas, não somos os preferidos deles.

Depois da solenidade, inicio o dia de trabalho e como sou novato,



sou colocado para a patrulha na rua, o que é uma tarefa bem simples, a de manter a ordem e o bem-estar social. Eu queria mesmo ir vigiar os campos de trabalho ou cadeias, lá deveria estar a verdadeira emoção, onde ficam todos os inimigos do Estado, ninguém sabe muito bem o que acontece lá dentro e quais os critérios para ir parar naquele lugar, mas, com certeza, lá, estão todos os indesejáveis; deficientes, inválidos, homossexuais, opositores do regime – os poucos que ainda insistem. Nem posso dizer que existem judeus nesses locais, porque se existe algo que foi efetivo desde o começo do domínio alemão, foi o seu extermínio. Quando considerados lotados, esses presídios soltam uma fumaça negra, parece ser algo simbólico.

Nos primeiros anos, logo após a guerra, o Führer incentivou através de entrega de terras, empregos e oportunidades de estudo, que os povos alvos europeus migrassem de seus países para as novas nações conquistadas, e, assim, começou o processo de embranquecimento em massa. Pela grande diversidade dos povos no mundo, os ideais de eugenia e superioridade branca foram se ajustando à realidade, até porque não há como um líder qualquer no continente africano, por exemplo, confinar toda a sua população em campos de concentração por serem negros, então, nesses lugares, existem certos tipos de classificação quanto a pessoas de cor. Mas, uma coisa é certa, a maioria delas está em posições de subserviência.

Aqui, no Brasil, foi feito, desde o final do século XX, uma verdadeira limpeza social. Asiáticos, afrodescendentes, semitas, testemunhas de Jeová (por negarem a saudação ao Führer e não servirem às forças armadas) e alguns outros grupos foram subjugados por sua inferioridade já preestabelecida segundo os ideais nazistas. As mulheres brancas se tornaram boas reprodutoras da

prole genuína, destinadas a gerar a nação do futuro.

Depois da morte do Fuhrer Hitler e o término do Terceiro Reich, o seu filho – general da cúpula do alto comando alemão – instituiu o Quarto Reich, ainda mais violento e rígido carregando o lema principal de prosperidade guiada pela pátria central. Nosso país é um importante e estratégico aliado, pois temos muitos recursos minerais, matéria-prima, extensão territorial e um potencial hídrico enorme. Prefiro não pensar no que acontece nos Estados renegados, tão insolentes que nem merecem a atenção do líder.

A ciência do nosso tempo é usada sobretudo para justificar e reafirmar a superioridade da raça ariana. Tudo está fundamentado e intrinsecamente ligado à raça, tanto as capacidades físicas, quanto a inteligência e os gostos culturais. As qualidades superiores são atribuídas aos puros, assim como as incapacidades estão ligadas aos impuros. A lei instituída proíbe que as raças inferiores tenham mais do que um filho, quantidade permitida apenas para manter a rotatividade nos subempregos. Os próprios negros acreditam ser inferiores. Talvez, sejamos, afinal, depois de tantos estudos e teorias publicados não é possível que todos sejam falsos. Meu pai sempre me disse que, enquanto obedecermos ao governo e cumprirmos nossa função na sociedade, ele não nos fará nenhum mal, porque só perseguem os perdidos e inúteis. Ele me contou também que ser soldado é algo para me orgulhar pois somos a base desta sociedade próspera.

...

Sempre que o Fuhrer discursa, sua fala é transmitida por meio de telões e, em seguida, há uma fala do presidente. Hoje é meu segundo dia de serviço, logo após a execução dos hinos começa uma transmissão direto de Berlim.



Após todas as formalidades, escutamos atentos à tradução do pronunciamento do líder. Fico meio pasmo, acho que não entendi direito, estou tentando processar as informações, algumas pessoas estão baqueadas. O Fuhrer, com a sua imponência costumeira, anuncia tranquilamente que estão finalizando e prontos a estabelecer um plano chamado de “A solução final”, a realização do mundo ideal. Vão enrijecer os critérios – o que o presidente achava impossível. Querem construir um mundo sem crimes, sem defeitos, sem erros. Novas tabelas de separação das raças foram divulgadas, quem estava na base (pretos) já começou a ser eliminado, os que estavam em posições intermediárias (pardos), vão ser a base agora. Vai acontecer uma próxima onda de aniquilação durante as próximas duas décadas. E tudo já estava planejado. O Fuhrer deseja comemorar o centenário do nazismo em um mundo que faça jus às suas crenças.

Pensei que, enquanto estivéssemos seguindo a seus comandos, e obedecendo às suas regras estaríamos a salvo. Mas, quanto mais poder cedermos, mais eles hão de querer.

*O próximo a se pronunciar é o presidente.*

# FEMINAZISTÃO





## **Guará, 1999**

Donizete abre a revista *Você/SA*, enquanto aguarda ser chamado na sala de espera da dentista. A capa mostra as executivas do ano. Abre o exemplar para ler a reportagem, vê uma pequena nota falando sobre as dificuldades de homens ascenderem profissionalmente por conta da sobrecarga com afazeres domésticos. É chamado, vai fazer um canal. Lembra que, quando era novo, cuidava-se, era vaidoso, mas, com a chegada dos filhos, passou a priorizá-los. Ganhou um pouco de peso, sentia-se corcunda por ficar com os filhos no colo o tempo todo. Por acordar bastante à noite, passava o dia com sono e, às vezes, ia dormir sem escovar os dentes, exausto de ninar os bebês, gêmeos. Mas, estava feliz que tinha conseguido se organizar e, finalmente, estava fazendo o tão adiado tratamento dentário, com apoio da sua mulher, que estava pagando os custos.

## **Planaltina, 1927**

Eustáquio era trabalhador rural. Casado e com quatro filhos, dois rapazes e duas moças. Morava com a esposa e filhos perto da estrada, onde era comum viajantes pedirem pouso. Na sua maioria eram comerciantes, mulheres que vinham de cidades maiores com mercadorias para vender mais para o interior do Brasil, noutras vezes, mulheres que deixavam a família em cidades ainda menores e vinham tentar a sorte, arrumar um trabalho para, depois, trazer marido e filhos. Acontecia também de algumas mulheres arrumarem nova família em Planaltina e, com o tempo, nem mandavam notícia ou dinheiro pra família que tinha ficado para trás.

Não importando o perfil da pessoa, Eustáquio e sua esposa, Fabíola, sempre recebiam. Não negavam abrigo. Havia rede e colchão para a acolhida solidária. Eustáquio sempre fazia uma farofa com

carne seca em grande porção para durar e ter o que servir para visitantes que, apesar de inesperados, eram frequentes.

Certa vez, quando era época de plantio, receberam um homem pedindo teto. Gaspar. Não estava de passagem curta, queria ficar por uma semana. Se ofereceu para ajudar nos serviços da casa em troca de estadia e trouxe utensílios de argila vermelha para a cozinha, feitos por ele mesmo, como agrado para a família. Vinha do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Eram moringas, panelas, travessas e porta-velas.

À noite, enquanto tomavam caldo de jerimum com músculo, conversaram. Fabíola se sentava na ponta da mesa, era servida por Eustáquio, que montava seu prato com carinho. Os filhos recolheram a mesa e lavaram as travessas para dar descanso ao pai. Fabíola perguntou, então, o que pretendia fazer em Planaltina durante a semana. Gaspar brilhou os olhos, parecia não saber como começar, mas disse:

- No Rio de Janeiro, fala-se sobre os homens terem direito de votar! No Rio Grande do Norte já pode, ouviram no rádio? Queremos levar essa ideia para todo o Brasil!
- Que ideia! Pra que o homem votar, se a mulher já vota pela família? E se cada um quiser votar em um, imagina a confusão dentro de casa.
- Mas é importante cada pessoa poder dar sua opinião, não precisa concordar sempre um com o outro. Vamos mostrar como a perspectiva masculina completa a feminina na sociedade. A política fica melhor se ouvir todo mundo.

Eustáquio ouvia o debate interessado, mas ficou em silêncio



para não se indispor com a mulher. “Dar minha opinião”, pensava. Cogitou que sua opinião teria então valor próprio, sem precisar da concordância da esposa. Por vezes não escolhia nem o que comer, querendo agradecer sempre a esposa quando preparava almoço e janta. Ficou pensando que seria uma semana interessante com aquele hóspede em casa, enquanto servia marmelada de sobremesa para todos.

### **Park Way, 1977**

Maitê Leão era conhecida no circuito brasileiro. Fazia festas de padrões hollywoodianos para as mulheres do poder na capital federal. Ministras, generais, presidentas de estatais, empresárias da construção civil e as lobistas que circundavam o alto estrelato da ditadura militar eram frequentemente vistas nas recepções da Mansão *PlayGirl*. O primeiro escalão das Forças Armadas e amigas pareceriam levar a sério o lema “work hard, play hard”. Para Maitê, a principal motivação era sempre “sentir-se, prazerosamente, viva”. As celebrações eram conhecidas pelo padrão *open bar* e pela presença dos sarados coelhinhos da *PlayGirl*, publicação jornalística voltada ao público feminino.

Os coelhinhos eram, em sua maioria, jovens rapazes em boa forma física, economicamente vestidos, que serviam para alegrar as festas e, em especial, suas convidadas. Maitê morava com sete coelhinhos, com os quais afirmava ter um relacionamento autêntico. Uma *habitué* das celebrações chegou a se fantasiar de amazona e surgiu montada numa alazã na Mansão *PlayGirl* para uma festa, com um coelhinho na garupa. O animal, emprestado pela ministra do Exército, à época, fazia parte da cavalaria das Dragoas da Independência.

A mansão contava com múltiplos ambientes para propiciar diversão: 29 suítes, uma floresta particular, quadra de tênis, piscina e uma espécie de caverna, a famosa gruta, cenário de lendárias orgias, onde os coelhinhos deveriam ficar sem seus trajes de banho. A decoração da mansão era permeada de estátuas gregas, com nus artísticos e as paredes dotadas de afrescos com antigas cenas de bacanal.

Os convites para as festas na mansão *PlayGirl* eram disputadíssimos e as histórias das comemorações marcaram o imaginário da população. Com o tempo, a demanda era tanta que se abriu mais uma unidade da Mansão *PlayGirl*, desta vez na Península das Ministras, no Lago Sul, disponível para locação e realização de eventos. O empreendimento era tocado pelas três filhas de Maitê Leão. O *happy hour* de executivas e lobistas, após exaustivos dias de trabalho na capital, costumava ocorrer no local.

Certa vez, um coletivo de cidadãos acusou a *PlayGirl* de objetificar os homens, colocando-os apenas como instrumentos de prazer das mulheres e se afirmou que as festas seriam verdadeiras convenções de velhas taradas. Havia rumores de homens que, supostamente, foram drogados e abusados sexualmente em algumas das festas sediadas no local. Maitê Leão respondeu que apenas sentia pena dos homens feios que não teriam vez em sua celebrada mansão.

## **Ceilândia, 1984**

Fernando casou-se aos dezoito anos, quando ele e a esposa tiveram sua primeira filha. Na época, fizeram uma simpatia com uma corrente de ouro para ver o sexo do bebê. Se a corrente fosse para a frente e para trás quando posicionada na frente da barriga, seria um menino. Se a corrente fosse para os lados, seria uma menina. A corrente foi para os lados, para felicidade do casal. Junto com a



falta de enjoo e com o bom aspecto da pele na época, era a certeza de uma bebê do sexo feminino na família.

Fernando e Jéssica foram felizes nos primeiros anos do casamento. Com o tempo, porém, Jéssica foi ficando distante. Não propunha nenhum encontro romântico, era ríspida com Fernando, por vezes, o criticava na frente de amigos e amigas, reclamava sempre que a casa estava mal cuidada e a comida sem tempero. Acontecia de bater na mesa, ao fazer uma reclamação, mesmo que Fernando pedisse para Jéssica não fazer isso, ao menos não na frente da filha dos dois.

Ele já não sabia mais o que fazer para recuperar a relação. Estava sempre disponível para ela, pegava dicas de sexo oral com amigos, enfeitava a casa com flores, comprava cuecas sensuais. Mas, parecia que cada nova iniciativa enfurecia ainda mais Jéssica. O pai de Fernando, seu Gilmar, o convencera de que família era apenas uma, que um homem divorciado, ainda mais com uma filha para criar, não seria bem visto. Numa briga, Jéssica avançou com uma faca na direção do rosto de Fernando.

Com medo, no outro dia Fernando pegou a filha e saiu de casa enquanto sua esposa estava no trabalho, levando consigo o que coube no carro. Foi para a casa de um primo, em segredo, para Jéssica não o achar. Nunca pediu pensão. Sustentava a filha, vendendo cosméticos de porta em porta e fazendo bolos para festas.

### **Águas Claras, 2021**

Enzo acorda, com a faxineira Francisca pedindo desculpas por acordá-lo, mas avisando que estava na hora da organização e limpeza de seu quarto.

- Chica, pode deixar que eu mesmo arrumo.





# AUTORAS

## Parte 1

**Aviso prévio** | Cecília Emyli da Silva Marques  
Lorrane Sales Santos  
Maria Eduarda Alves Nascimento  
Rafaella Karollyne Ribeiro Fonseca  
Stefany dos Santos Pereira  
Jonas Bertucci (adaptação)

**Hoax?** | Letícia Laurindo da Silva  
Rosilene Muniz de Lima  
Willian Siqueira de Oliveira  
Jonas Bertucci (adaptação)

**Um dia normal** | Gabriel Gonçalves de Aguiar  
Hellen Cristina Cantanhede Barros  
Larissa Amanda Pereira Borges  
Luana de Almeida Rodrigues  
Pedro Augusto de Oliveira Sampaio  
Jonas Bertucci (adaptação)

**A vingança de Flora** | Maria Regina Lima de Sá

**O reencontro** | Jonas Bertucci

## **Parte 2**

**E viraram peixes** | Pilar Acosta

**O futuro de uma ilusão** | Thaís Ribeiro Miranda Brandão Dias

**O Quarto Reich** | Sabrina Alves Cardoso

**Feminazistão** | Renata Florentino de Faria Santos

## **Ilustrações**

**Ana Clara de Alvarenga Valadares** | Um dia normal  
A vingança de Flora  
O Quarto Reich  
Feminazistão

**Letícia de Araújo Batista** | Aviso prévio  
Hoax?  
O reencontro  
O futuro de uma ilusão

**Pilar Acosta** | E viraram peixes



## POSFÁCIO

O que caracteriza os seres humanos? Conforme nos ensinam searas do conhecimento como a linguística, a filosofia, a sociologia, podemos dizer que somos os únicos seres capazes da fala e, dialeticamente, do pensamento elaborado. Percebemos a passagem do tempo e a registramos. Somos fazedoras de histórias. Somos feitas de histórias (Eduardo Galeano, 2011). Seres históricos, portanto. Desse modo, nosso tempo nos constitui, traça os contornos de nossa existência, a partir dos tempos anteriores. Pensamos nossa breve passagem pela Terra, sabendo das que vieram antes e com os olhos no futuro, de filhas, netas, mas, para além, de que ideias nossas sobreviverão a nós.

Hoje, década de 20, (re)vivemos tempos sombrios em que é preciso defender o óbvio, parafraseando o poeta alemão (BRECHT, 2019). (Re)vivemos, por repetirmos erros, insistirmos nos mesmos processos. (Re)vivemos por estarem mantidas as mesmas estruturas sociais – racismo, misoginia, desigualdades a serviço de um arranjo econômico. Assim como nos anos 20 do século passado, em que o rádio constituiu novas formas de sociabilidade e permitiu o espraio de discursos de ódio, dos fascismos, do nazismo, hoje, assistimos a uma nova revolução comunicacional por meio de redes sociais virtuais – *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras – que, da mesma forma alteram de maneira significativa processos de

construção política, de distribuição de discursos, e que impactam, em última instância, a própria noção de realidade.

O ódio, atualmente, encontra um espaço privilegiado e fértil nessas redes, sendo constituído minuciosamente como ferramenta para a construção e sustentação de projetos de dominação e exploração de grupos subalternizados, como negras/os, indígenas, mulheres, LGBTQI+, deficientes. Esse ódio transforma a política, colocando em polos de antagonismo pessoas e grupos sociais que pensam de forma distinta. O ódio, no limite, é a imposição de um discurso único sobre o todo da sociedade. É importante compreender que política (termo derivado do vocábulo grego πολιτεία [politeia] que se refere a tudo o que é constituído a partir da polis [cidade]) pode ser compreendida como a discussão da cidade, ou seja, da vida comum. As construções políticas são indispensáveis para a organização social a partir de um marco civilizatório. Sem a política o que sobra é a barbárie, é a violência, é o ódio.

Nossos tempos, marcados pelas dores, pelas impossibilidades, pelo cerceamento de nossas existências, pela colonização de nossos sonhos, acabam por nos desumanizar. Somos alienadas/os de nossa potência de sermos mais (como nos ensinou Freire, 1975). Temos nossa existência achatada. Nesse contexto, a arte emerge como tecnologia de reexistência (ACOSTA, 2018), em que saberes sensíveis nos permitem mais. A arte tem a função social de nos humanizar, de nos confrontar com os limites de nossa humanidade por meio de experimentações estéticas.

Este livro, desenvolvido a partir do estudo sociológico de obras filmográficas, no contexto de projetos de iniciação científica de ensino médio – ou seja, da valorização da pesquisa desde os primeiros



momentos da formação –, evidencia a dobra de perspectivas epistemológicas distintas – as ciências sociais e as artes. Igualmente, tendo sido fomentado pelo edital de extensão do V Festival de Arte e Cultura – assim perfazendo o ciclo entre ensino, pesquisa e extensão, e colocando em pé de igualdade as diferentes ciências, aí compreendidas também as artes. As ferramentas de análise estatística, de análise de conteúdo, entre outras evidenciaram uma lacuna: os futuros, mesmo distópicos, apresentados pela indústria cultural, não foram feitos para pessoas como nós – mulheres, latino-americanas, negras, indígenas. Esses futuros dão como certa a inevitabilidade (BOURDIEU, 1998) da depredação total da natureza, não existe espaço para outras vidas.

Desse modo, ao observarem-se os resultados da pesquisa conduzida, apenas escrever o relatório de pesquisa, divulgar as análises por meio de artigos não seria suficiente. Foi premente criar distopias nossas, que evidenciassem nossos desafios, a partir de nossos saberes situados (HARAWAY, 1995) e de nossos conhecimentos sensíveis (BOAL, 2008). Por meio do exercício artístico, miramos o passado, sobre o qual não podemos senão estudar, sabendo do porvir, nossa responsabilidade. E colocamos os futuros em questão, refletindo sobre questões de nossos tempos levadas ao extremo de uma irresponsabilidade coletiva que podemos intuir, caso não haja mudanças estruturais.

Assim, lemos nestas páginas, a pena aguçada de adolescentes que abordam as pressões identitárias que fragmentam a existência, como em “Um dia normal” – a rotina acachapante –, ou em “A vingança de Flora”, o fluxo de consciência, difícil de ler, do começo de uma vida adulta tracionada pela dor e pelo legado histórico. Somos transportadas pelo tempo numa máquina estética em

“Hoax?”. Confrontamos os limites da natureza, nos desastres anunciados pelo aquecimento global, pela destruição de florestas, pelo consumismo desenfreado e a economia baseada em combustíveis fósseis, como em “Aviso prévio”, ou em “E viravam peixes”. Compreendemos que a Terra onde nossa existência se deu é apenas uma e que é nossa responsabilidade religarmo-nos com ela, como em “O reencontro”. Igualmente, cotejamos os riscos de perdermos conquistas sociais que asseguram, mesmo que minimamente, a igualdade e o respeito aos direitos humanos em “O futuro de uma ilusão” e “O Quarto Reich”. Por fim, questiona-se a assimetria de poderes a partir do racismo e da misoginia estruturais como em “Feminazistão”.

Os tempos projetados também são desenhados e desenharam os traços de existências possíveis, marcados como nas aquarelas que, para muito além de ilustrarem as crônicas distópicas, constituem, com elas, textos multimodais, para a leitura e compreensão dos quais, são necessárias as duas linguagens – verbal e imagética. Desse modo, a obra abraça diferentes formas de expressão, evidenciando, mais uma vez, a importância de uma ecologia de saberes (SANTOS e MENESES, 2010) e de sensibilidades plurais.

Por fim, cabe dizer que a força e brilho da criação das jovens escritoras foram um bálsamo para nós, professor e professora, que fomos instigadas a também pensar sobre futuros a partir de nossas experiências e conhecimentos e que ousamos prosear. O exercício se tornou processo e produto artístico e nos legou um enorme aprendizado sobre o próprio movimento de aprender e apreender a realidade a partir de diferentes epistemologias.

Como em quatro dos textos aqui apresentados – “Aviso prévio”, “Hoax?”, “A vingança de Flora” e “O Reencontro” –, missivas de um



futuro projetado para o nosso presente, neste posfácio pretendi fazer reverência a conquistas da educação que estão vivas nestas páginas e que perdurarão à nossa breve passagem por estes tempos e espaços de existência. Assim, com amor ao presente da educação básica, técnica e tecnológica, saúdo utopias possíveis de nosso porvir.

Pilar Acosta  
Sobradinho-DF, 20 de janeiro de 2021

\*\*\*

ACOSTA, María del Pilar Tobar. *Construções Discursivas de Reexistência: um estudo em Análise de Discurso Crítica sobre marchas de mulheres no Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913 - 1956*. 7 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. São Paulo: L&PM, 2011.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, 5, 1995. p. 201-246.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez. 2010. 637 páginas.



**INSTITUTO FEDERAL**  
Brasília



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
INSTITUTO FEDERAL

**MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO**

ISBN: 978-85-64124-77-6



9 788564 124776